

Vacinas Perigosas

TAPS: Temas Atuais na Promoção da Saúde

Sumário

1 Vacinação: A verdade oculta	1
1.1 A vacinação é eficaz?	2
1.2 Mecanismos e ingredientes	7
1.3 Efeitos reais da vacinação	9
1.3.1 Efeito da vacinação: Morte	9
1.3.2 Efeito da vacinação: Danos cerebrais	11
1.3.3 Efeito da vacinação: Sistema imunológico prejudicado	12
1.3.4 Efeito da vacinação: Reações auto-imunes	13
1.3.5 Efeito da vacinação: As doenças aparecem mais cedo	15
1.3.6 Efeito da vacinação: Danos causados à reprodução	15
1.4 Por que a vacinação continua?	17
1.4.1 Conspiração da gripe suína	18
1.5 Direitos Legais	19
1.6 Enfrentando os danos vacinais	20
1.7 A verdadeira chave para a imunidade	21
1.7.1 Louis Pasteur: “a doença surge no organismo doente”	21
1.7.2 Como então atingimos boa saúde?	21
1.7.3 Alimentos naturais, exercícios	22
1.7.4 O perdão é fundamental à saúde	22
1.7.5 Hipócrates: “Não faça mal”	22
1.7.6 Mentiras das campanhas de vacinação	23
2 O alumínio contido nas vacinas provoca doenças graves - Dr. Marc Vercoutère	23
3 A respeito das vacinas - Philippe Champagne	24
4 Como agem as vacinas	27
5 Do que são feitas as vacinas?	27
6 Fatos básicos sobre vacinas	28
7 Informar antes de vacinar! - Dr. Stefan Lanka	30
8 Informe-se antes de vacinar seu filho - Michael Dye	31
9 Pergunta ao Dr. Vernon Coleman	34
10 Precauções	35

10.1 Sete perguntas que ajudam a prevenir reações à uma vacina	35
11 Vacinação e vitamina C - Dr. Alan B. Clemetson	36
12 Repercussão mundial	36
13 Terceira conferência internacional sobre vacinas	37
13.1 Sarampo, caxumba e rubéola (SCR / MMR)	39
14 Vacinas na África - Dr. Christian Tal Schaller	39
15 Vacina contra hepatite B	40
16 Vacina, uma poção diabólica	40
17 Vacinas podem causar câncer? - Dr. James A. Howenstine	41
18 Vacinação - Agressão ao cérebro e à alma?	42
19 Vacinação contra doenças: uma bomba relógio médica - Dr. Robert S. Mendelsohn	42
20 Breves	44
20.1 Falha nos EUA	44
20.2 Também os animais de estimação	44
20.3 Fim da obrigatoriedade	44
20.4 Prêmio de 20 mil dólares	44
20.5 Acidentes vacinais	45

1 Vacinação: A verdade oculta

Este texto foi extraído de um DVD produzido na Austrália, para informar sobre os perigos e a ineficácia da vacinação. A informação, porém, provém do mundo inteiro e é aplicável globalmente.

SHANE TUCKER (pai): Pelo amor de Deus! É a vida e o futuro de seus filhos, não a sua, mas a deles. Não deixe que o que aconteceu a nós aconteça com seus filhos.

PAULINE ROSE (enfermeira autônoma): A verdade é que aconteceram grandes desastres no mundo inteiro, em consequência de programas de vacinação.

Dr. PETER BARATOSY (autor de “There is Always an Alternative”): Injetam partículas do DNA de animais, bactérias e vírus nos bebês. Elas podem incorporar-se ao genoma humano. A estrutura do DNA humano pode mudar.

Dr. ROBYN COSFORD: Estamos presenciando uma incidência cada vez maior de anomalias comportamentais, de comportamento sociopático, um número crescente de crimes, maiores dificuldades de aprendizado e deficiência da atenção. Muitos sustentam que isso pode ser atribuído a uma encefalopatia de baixo grau, causada por vacina.

Dra. VIERA SCHEIBNER (PhD, pesquisadora do Cotwatch Monitor): ...quase 3 anos de pesquisas, até que eu e meu marido olhamos um para o outro e dissemos “Vacinas estão matando bebês”.

Dr. ARCHIE KALOKERINOS (autor de “Every Second Child”): Então é óbvio que eu e, na realidade, todos os outros médicos, estávamos sendo enganados.

SHANE (pai): O médico nos tranquilizou dizendo que era a coisa certa a fazer. Então concordamos e lhe demos a vacina tríplice (DPT) e uma outra também. Saímos do hospital e, 10 minutos depois, estávamos a caminho de casa, na fazenda. De repente, Dillan começou a ter convulsões nos braços de minha mulher, no carro. Foi um choque e, por um momento, ficamos completamente perdidos. Não sabíamos o que estava acontecendo. Dillon começou a ficar azul. Senti-me totalmente desamparado.

BRONWYN HANCOCK (pesquisadora e autora da entidade australiana Vaccination Information Service, que informa sobre os riscos da vacinação): Olá, eu sou Bronwyn Hancock. Para muita gente uma experiência, como a que acabamos de ouvir de Shane Tucker, é a primeira indicação de que alguma coisa pode estar errada com a vacinação. Mesmo assim, os médicos dizem a muitos pais que não há nenhum vínculo e mais vacinas são aplicadas. Por quê? Porque os médicos são levados a acreditar que os danos só ocorrem em 1 entre 1 milhão e muito mais vidas são salvas.

No entanto, apesar do que lhes é ensinado - e muitos provavelmente acreditam - muitas pesquisas revelaram que, na realidade, os médicos são as pessoas menos vacinadas da comunidade.

Nesta apresentação, vamos procurar a verdade nós mesmos - o que a vacinação não faz, o que ela faz, porque continua sendo aplicada, quais são os nossos direitos, o que, em muitos casos, pode ajudar a contrabalançar os efeitos, e qual é a verdadeira chave para a imunidade.

1.1 A vacinação é eficaz?

Para começar, vamos verificar se realmente existem provas de que a vacinação salvou vidas. O Dr. Isaac Golden é um eminente e experiente homeopata, professor e autor de vários livros, inclusive um sobre vacinação: “VACCINATION? A Review of Risks and Alternatives”. Vamos ouvir o que ele - e também muitos outros - descobriram.

Dr. ISAAC GOLDEN: Antes de saber o que era medicina natural, eu costumava vacinar meus próprios filhos e um deles, minha filha mais velha, foi gravemente afetada. Isso me levou a questionar se aquilo que os médicos me diziam realmente era correto. Eles me compeliavam a continuar a vaciná-la, apesar das reações que ela apresentava.

Finalmente a “ficha caiu” e percebi que havia uma causa direta entre os sintomas que ela apresentava - deixando de ser a criança saudável de antes - e as vacinas, porque os sintomas se intensificavam após cada vacina. Isso me levou a pesquisar além daquilo que os médicos me diziam.

Comecei pelos departamentos de saúde da Inglaterra, dos Estados Unidos e da Austrália, porque minha educação profissional original era em economia e estatística. Portanto, escrevi aos vários governos e recebi estatísticas. Ao começar a marcar os números em gráficos, percebi que recebíamos muita informação, dos profissionais da medicina convencional, que não era correta.

Também percebi que muita informação passada aos estudantes de medicina era, provavelmente, enganosa.

Vamos ver um exemplo na tela: (Esta tela, assim como todos os gráficos e tabelas só podem ser visualizados no DVD original).

Gráfico: Incidência da coqueluche desde que a vacina foi introduzida.

Aqui temos o número de óbitos de coqueluche nos EUA, desde a época em que as vacinas foram

introduzidas, no final da década de 1980. Esses são os dados que eu recebi do próprio governo americano. O que mostram, quando você olha para estes números, fica muito nítido que a introdução da vacinação aparentemente causou grande diminuição dos óbitos por coqueluche.

Entretanto, também recebi os seguintes dados: A incidência de coqueluche desde quarenta anos antes do começo da vacinação.

Aproximando este gráfico está claro que a maior redução da mortalidade por coqueluche ocorreu bem antes da introdução da vacina.

Logo, nesse caso, a alegação de que a vacinação foi responsável por eliminar a maioria dos óbitos causados pela coqueluche, nos Estados Unidos, é estatisticamente falsa.

BRONWYN (pesquisadora): O padrão que se vê no caso da coqueluche não restringiu-se a essa doença, como a Dra. Viera Scheibner vai mostrar. Ela é cientista pesquisadora, já estudou mais de 60.000 páginas de artigos da pesquisa médica acadêmica sobre o assunto e divulgou esse estudo em um livro.

Dra. VIERA: É fato bem documentado que a incidência e a mortalidade por doenças infecciosas (como sarampo, coqueluche, rubéola e caxumba) decaíram em 90% antes da introdução de qualquer vacina.

Gráfico: Óbitos por Difteria (nos EUA) por 100.000 habitantes

Essa é a mortalidade causada pela difteria entre 1900 e 1960. Como vocês vêem, houve uma queda constante, bem antes que qualquer tratamento fosse introduzido. E vocês vêem que, mesmo após o tratamento e a vacina, a queda simplesmente continuou.

Gráfico: Óbitos por Sarampo (nos EUA) por 100.000 habitantes

Esta é a taxa de mortalidade por sarampo entre 1900 e 1960. Novamente, vocês vêem uma queda constante do número de óbitos por sarampo, sem qualquer vacina. Então aparece a vacina, já no ponto mais baixo da taxa de mortalidade.

Logo, foram outros fatores - e não as vacinas - que diminuíram a taxa de mortalidade causada por doenças infecciosas.

BRONWYN (pesquisadora): Como também podemos ver nesses gráficos, a introdução da vacina não foi seguida de qualquer aceleração no declínio. E, na realidade, a análise dos dados, desde a sua introdução indica que as pessoas vacinadas não estão mais protegidas do que aquelas que não foram. Por exemplo, por ocasião de uma epidemia de coqueluche na Suécia, no final da década de 1970, 84% da população havia sido vacinada. No entanto, a percentagem de casos, entre pessoas que comprovadamente haviam sido vacinadas, foi de, no mínimo, 84%. Como explicação, os vacinadores alegam o princípio da “imunidade coletiva”.

Mudança na definição de “Imunidade Coletiva”: 95% precisam ser vacinados para impedir um surto

A definição desse termo, que é bem diferente do seu sentido original, é que, pelo menos, 95% da população precisa ser vacinada para prevenir um surto. Mas, será que, na prática, isso funciona?

Para verificar, precisamos apenas observar os Estados Unidos, onde a vacinação é obrigatória para admissão nas escolas.

A Dra. Scheibner vai descrever a situação que ocorre com frequência logo após um programa de vacinação. Nesse caso, aconteceu na cidade de Corpus Christi, Texas, onde acabavam de garantir que 99% da população estava vacinada e 95% havia desenvolvido anticorpos.

Dra. VIERA (lendo do artigo na tela): “Ocorreu um surto de sarampo entre os adolescentes de Corpus Christi, Texas, na primavera de 1985, embora a exigência de vacinação para admissão nas escolas tenha sido radicalmente cumprida”.

Título da publicação: New England Journal of Medicine 1987

Obviamente, essa não é uma ocorrência rara. Epidemias em populações eficazmente vacinadas são a regra e não a exceção.

BRONWYN (pesquisadora): Mas muitos médicos dizem que tivemos muito sucesso com a vacina HIB, porque sua incidência diminuiu desde a introdução da vacina, há alguns anos. Vamos ver o desdobramento por idade com relação à sua introdução nos Estados Unidos.

Dra. VIERA: Essa é a incidência da meningite por *Haemophilus influenza* em menores de 5 anos.

Título da publicação: Journal of the American Medical Association 1993

Aqui vemos a incidência da meningite HIB entre 1980 e 1991, em menores de 1 ano. Essas são crianças de 1 ano de idade e essas, de 2 a 4 anos. As flutuações e, principalmente, a queda na incidência de meningite em menores de 1 ano e nas crianças de 1 ano nada tiveram a ver com vacinação, porque a vacina somente foi introduzida aqui para uso nas faixas etárias que estão no fim do gráfico.

BRONWYN (pesquisadora): Por fim, vamos ver no Lancet 1978 o que aconteceu em Hamburgo, na Alemanha, sem qualquer profilaxia ativa.

Dra. VIERA: Podemos observar uma queda constante na incidência de coqueluche (e esses são casos com complicações) em uma época em que a taxa de nascimentos cresceu substancialmente.

Gráfico: Pertussis em Hamburgo 1956 a 1970 (Isso é a coqueluche em Hamburgo entre 1956 e 1970)

BRONWYN (pesquisadora): Então, O QUE causou essa queda? Vamos ouvir o Dr. Robyn Cosford, um médico de Sidney, e a enfermeira Pauline Rose.

Dr. ROBYN: A escarlatina, doença infecciosa causada por estreptococos, existia nos mesmos níveis e ao mesmo tempo que a coqueluche, sarampo, pólio e essas outras doenças e nunca vacinamos contra a escarlatina. E o mais interessante é que a incidência de escarlatina caiu da mesma forma que a queda da coqueluche, da pólio e das outras. Portanto, quando consideramos também outros fatores, parece que não são as vacinas que diminuíram a incidência dessas doenças, mas outros fatores que ocorriam na sociedade naquela época. Foram tomadas medidas básicas de saúde pública e de saneamento e parece que foram esses elementos que causaram o maior impacto.

PAULINE (enfermeira): Alguns dos estudos realizados indicam que a vacinação não foi a “cura de todos os males” que todo o mundo pensava que seria. Na realidade, aconteceram vários desastres maciços no mundo inteiro, após os programas de vacinação. O sarampo, por exemplo, estava quase extinto na Europa quando começaram o programa de vacinação e os casos aumentaram novamente. O que havia curado a sarampo foi, na realidade, a alimentação mais nutritiva, a melhora na saúde geral da população, o aumento do nível de vitamina A. Não foi a vacinação que estava resolvendo esses problemas e o mesmo número de pessoas ficava doente após a vacinação que antes.

BRONWYN (pesquisadora): Portanto, não só parece que as vacinas não dão resultado, como existem provas de que são contraproducentes. Voltemos aos Estados Unidos...

Dra. VIERA: Essa aqui é a incidência de coqueluche, morbidade e os óbitos causados pela coqueluche de 1922 a 1987.

Podemos observar um declínio constante até cerca de 1978. Após 1978, vemos uma elevação pronunciada e anormal da incidência da coqueluche e a mortalidade permaneceu estacionada.

Referência: Tokai Journal of Experimental Biology and Medicine 1988

BRONWYN (pesquisadora): O que aconteceu, então, em 1978?

Dra. VIERA (lendo o artigo na tela): “Em 1978, teve início um programa nacional de vacinação

infantil. Os estados promulgaram leis exigindo prova de imunização para a admissão de crianças entre 5 e 6 anos de idade nas escolas.”

Eles exigiram a vacinação e o resultado foi que a incidência de coqueluche triplicou.

Realmente as crianças contraem coqueluche pela vacina. Quando digo isso, obviamente os vacinadores ficam furiosos, dizendo que as crianças não podem contrair coqueluche pela vacina, porque a *Bordetella pertussis* está morta na vacina. Mas a coqueluche é uma doença mediada por toxina. Isso significa que não importa se a *Bordetella* contida na vacina esteja viva ou morta, nem mesmo que esteja presente, porque a vacina acelular contra a coqueluche não contém *Bordetella pertussis* de célula inteira, mas contém somente o envelope de proteína e, mesmo assim, as crianças podem contrair a coqueluche a partir dessa vacina.

Dr. RITCHIE: Após 20 anos de imunização, em 1989, a mortalidade (por sarampo) em cada mil pessoas na Europa era 10 vezes menor do que nos EUA.

Portanto, na Suíça, sem uma política de imunização, a taxa de mortalidade por sarampo era 10 vezes menor do que nos EUA, que a essa altura já tinham uma experiência de 20 anos com vacinação obrigatória.

Dra. VIERA: O fato mais interessante sobre a situação nos EUA é que os Amish - seita religiosa que rejeita as vacinas com base na religião - não comunicou um único caso de sarampo entre 1970 e 1988. Em 18 anos, os Amish não vacinados não registraram um único caso de sarampo.

Gráfico: Referência: American Journal of Epidemiology 1996

BRONWYN (pesquisadora): E a varíola, não havia sido erradicada? Aqui também parece que a vacinação apenas retardou o declínio que já estava ocorrendo.

Dr. ARCHIE (é um médico conhecido pelo seu sucesso no tratamento de crianças aborígenes com Vitamina C): Houve uma grande epidemia de varíola nas Filipinas.

Foi uma epidemia muito importante, porque, pela primeira vez, foram mantidas estatísticas. Foi claramente demonstrado que as únicas pessoas que contraíram varíola duas vezes foram as que haviam sido vacinadas e que ocorreram muito mais casos entre as pessoas vacinadas do que entre as que não haviam sido vacinadas. Caso alguém queira consultá-las, essas estatísticas estão disponíveis. Acho que são o exemplo mais berrante de como as pessoas estão sendo iludidas.

BRONWYN (pesquisadora): Na realidade, ainda ocorrem epidemias de varíola na África, na Ásia e na Índia, onde existem guerras e desnutrição.

Então, como é que os pesquisadores conseguem dados que PARECEM indicar que as vacinas foram eficazes? Bem, existem muitas maneiras. Uma delas é por meio de definições de “vacinado” enganosas. Outra é como a doença é diagnosticada...

Dra. VIERA: Sempre procuro artigos que possam demonstrar que as vacinas funcionam. Quando vi o título “A Eliminação do Sarampo, Caxumba e Rubéola, inerentes na Finlândia, por meio de um Programa de Vacinação em duas doses, durante 12 anos” , exclamei “É isso! Este é o artigo que estava procurando!”

Então, vamos ver como eliminaram o sarampo, a caxumba e a rubéola na Finlândia.

Resultados: “A redução em 99% da incidência das três doenças foi acompanhada de uma taxa crescente de diagnósticos ‘falsos positivos’”.

Essa citação de um artigo aparece na tela, precedida do título do artigo. Mais um pequeno anzol. Então, essas crianças continuavam a contrair sarampo, caxumba e rubéola, mas foram diagnosticadas como falsos positivos! O que é um falso positivo?

BRONWYN (pesquisadora): A pólio é um exemplo espantoso do que pode ser conseguido, quando se mudam os critérios de diagnóstico, como David Ritchie, médico da Nova Zelândia, vai

explicar.

Dr. RITCHIE: Em 1954, os americanos lançaram uma campanha com a vacina oral Sabin, contra a poliomielite. O que aconteceu, no primeiro ano, foi que descobriram, horrorizados, que esse tipo de vacina antipólio estava causando pólio, porque a vacina contém um vírus não totalmente morto. Trata-se de uma forma parcialmente morta, chamada de forma atenuada. Então eles se livraram desse tipo de vacina antipólio, o que foi bom.

Depois descobriram, novamente horrorizados, que isso tinha sido relatado pelo Dr. Ratner, à época funcionário da saúde pública em Chicago. Mais tarde constataram que todos os tipos de vacina oral antipólio causariam pólio. Isso também foi um choque e eles simplesmente ignoraram os dados, que nunca foram divulgados para o público. Você vai ter dificuldade em encontrar essa informação em documentos acessíveis ao público.

Entretanto, eles decidiram redefinir a pólio. Antes disso, se você tivesse fraqueza muscular em um ou mais membros, em dois exames feitos com intervalo de 24/48 horas, isso era, por definição, chamado de pólio. O que fizeram então, foi dizer “OK, a pólio somente pode ser diagnosticada como pólio se a pessoa ainda tiver paralisia 60 dias após o evento”.

Ora, na maioria dos casos de pólio a paralisia desaparece nos primeiros dias. São poucos os casos em que a paralisia se torna permanente, embora essa seja a forma mais dramática. Eu acho que os casos de pólio foram reduzidos em cerca de 80% simplesmente pela mudança da definição e não pela vacinação.

Então ainda declararam “Bom, existem vários tipos de outros vírus que podem causar uma síndrome semelhante à pólio. É necessário evitar que sejam incluídos.” Portanto, mudaram a definição novamente e afirmaram “Agora o diagnóstico de pólio requer a cultura do vírus da pólio nas fezes e a garantia de que você não foi imunizado no último mês”. Isso porque expelimos o vírus após a imunização.

Assim, devido a essas duas interessantes mudanças de definição, a taxa de pólio caiu de forma expressiva na década de 1960.

Dra. VIERA: Agora vou mostrar como eliminaram a poliomielite na América do Sul

Referência: Pediatric Infectious Diseases Journal 1991

Nesses países, há menos de 100 casos de pólio notificados por ano. A vacinação teve início em 1985. No espaço de quatro meses, houve um surto de 350 casos.

Essas colunas sombreadas mostram os casos notificados de provável paralisia e essas colunas em preto representam os casos confirmados. Eles não podiam fazer muita coisa aqui e ali, mas começaram a manipular os dados. Portanto, eles causaram um grande surto de poliomielite, mas passaram a descartar a maioria dos casos. Foi esta palavra que usaram no estudo - “descartados” - mas acho louvável que tenham publicado isso.

BRONWYN (pesquisadora): E quanto à Austrália? Há surtos devido a baixos níveis de vacinação? O Dr. Mark Donohoe, um médico de Sydney, pode nos informar...

Dr. MARK DONOHOE: Também quero dizer alguma coisa a respeito desses níveis. Você sabe “Nós temos taxas de vacinação mais baixas do que países do terceiro mundo”. Temos um ministro que declarou “Pretendo ter taxas de vacinação de 90% até deixar o meu cargo”. Precisamos analisar esse estudo do Departamento Australiano de Estatísticas. O estudo aponta todas as falhas. Em alguns estados, foi possível conferir a informação e descobrir que superestimaram em 50% o grupo de crianças não vacinadas.

Na verdade, quando perguntamos aos pais “Seus filhos foram vacinados?”, metade das pessoas que responderam “Não” na realidade tiveram os filhos vacinados. Eles simplesmente não sabiam - haviam esquecido. Faltavam informações. O Departamento Australiano de Estatísticas não indica

taxas de vacinação de 51%. Ele informa que cerca de 51% das crianças tomaram todas as vacinas entre as idades de 1 a 6 anos, todas em dia. Qual foi o maior problema? Foi o *Haemophilus influenzae* B, que os médicos nem sabiam que deviam aplicar. 51% não é verdade. Se você observa a vacinação contra a maioria dessas doenças, você encontra taxas entre 75% e 90%, exatamente como em outros estudos. Porque não usam os dados verdadeiros? Porque não interessa ao governo dizer “Não há nenhum problema”. Na ânsia de continuar, os números são colhidos do ar.

“E quanto aos surtos?”

Dr. MARK: O problema é que os relatórios contêm apenas uma impressão clínica. A maioria desses casos não foi confirmada por exames de laboratório, não foi confirmada por culturas. Não sabemos muito de onde os casos estão vindo. É simplesmente um número saindo do nada. É o que se espera, não porque houve aumento dos casos de coqueluche, mas porque houve um acontecimento na mídia e uma pressão sobre os médicos.

Eu sei, porque recebo as revistas médicas e publicações, em todos os cantos, empurrando a vacinação: não deixar uma criança sem vacina, nunca perder uma oportunidade em seu consultório, nunca deixar que pessoas pensem que as reações adversas possam superar os benefícios.

Agora, após seis meses, o sucesso pode ser medido pelo fato de que os médicos não informaram as reações adversas, mas estão agora notificando casos que escaparam. E o que é mais estranho: os casos que estão sendo notificados estão acontecendo, na verdade, nos estados com os maiores índices de vacinação.

1.2 Mecanismos e ingredientes

BRONWYN (pesquisadora): Mas, na teoria, a vacinação parece ser uma coisa formidável e sabemos que cerca de 80 a 95% das vezes ela provoca a produção de anticorpos. Então, por que não está funcionando?

Dr. ARCHIE: O que vai mudar todo o nosso conceito sobre vacinas e imunidade é a epidemia da AIDS. Aprendemos que os anticorpos significam proteção contra a doença. Nos ensinaram que, ao ser imunizada ou vacinada, a pessoa iria produzir anticorpos que a protegeriam contra a doença. Na realidade, isso nunca foi verdade.

Na maioria dos casos, os anticorpos oferecem certamente uma certa medida de proteção. Eles não significam proteção. Eles simplesmente acompanham a proteção. Assim como a maioria dos carros tem quatro rodas, mas você pode ter carros com apenas três ou carros com seis rodas. Continuam sendo carros. Quando a epidemia de AIDS começou, afirmaram que os anticorpos, em vez de significar proteção, significaram que você estava condenado.

De repente, as pessoas tiveram que mudar todo o seu conceito e declarar “Bem, realmente os anticorpos não significam proteção”. Agora, mesmo no caso de uma doença simples, como o sarampo e a rubéola e muitas outras doenças semelhantes, você pode estar lotado de anticorpos e, mesmo assim, contrair a doença e até morrer. Você pode não ter anticorpos e não contrair a doença.

Portanto, este conceito de anticorpos, que aprendemos como estudantes, está errado. E muitas outras coisas estão erradas e acredito que vai ser a epidemia de AIDS que vai obrigar os médicos a verem as doenças infecciosas com outros olhos e acabar mostrando com toda a clareza que o nosso uso de vacinas não está baseada em boa ciência.

BRONWYN (pesquisadora): Então, o que realmente significam os anticorpos? Eles simplesmente indicam que o organismo foi exposto ao germe, só isso.

Normalmente um vírus penetra por meio da boca, do nariz, das amídalas, da pele ou das membranas mucosas. Reconhecemos hoje que essas camadas de proteção externa são muito importantes para a proteção dos órgãos vitais internos. Não só isso, como também elas são cruciais no desenvolvimento

de imunidade contra aquele germe.

As camadas externas de proteção são contornadas pelas injeções. Ao injetarmos as vacinas estamos, ironicamente, CONTORNANDO esses processos cruciais. Estamos, assim, EVITANDO que a imunidade possa ocorrer e ainda aumentando o risco de dano.

E não é só o germe que é injetado. Junto com o germe são injetadas algumas substâncias muito tóxicas, como formaldeído, mercúrio e alumínio.

Alguns elementos químicos tóxicos: Formaldeído, Mercúrio, Alumínio

SHANE (pai): Fui ao Centro de Informações sobre Venenos para perguntar se o formaldeído era seguro, porque descobri que essa substância está nas vacinas. Perguntei se havia alguma quantidade segura. Responderam que “Não. Em circunstância nenhuma deve ser administrada a uma criança alguma quantidade de formaldeído.” Esse é um dos ingredientes da vacina DPT.

Telefonei, então, para Commonwealth Serums Laboratories (um laboratório fabricante de vacinas) em Canberra. Falei com um médico de lá para descobrir qual o papel do formaldeído na vacina. Ele disse que não precisava me preocupar, pois é proveniente de formigas esmagadas, nada para alarmar. Um diz uma coisa, o outro diz outra. Eu não consigo chegar a uma conclusão e continuo querendo saber o que o formaldeído faz em uma vacina.

PAULINE (enfermeira da LISTEN System): Também estamos tendo uma porção de problemas com toxicidade. Encontro muitas pessoas que talvez tenham problemas com alumínio e com alguns dos problemas causados pelo mercúrio.

Pode ser que estejam relacionados a mercúrio nas obturações, mas encontramos pacientes que não têm obturações, nem um histórico de alta contaminação por peixes ou outras causas de problemas com mercúrio. É preciso desconfiar que sejam os aditivos usados na fabricação de vacinas. Eles contêm um bocado de elementos tóxicos.

Dr. PETER: mostra o seu livro. Temos ingredientes como a formalina, um conhecido carcinógeno, Thimerosal, que é um derivado do mercúrio, fosfatos de alumínio (sabemos que o alumínio está relacionado ao Mal de Alzheimer). Esses produtos químicos são elementos rotineiros das vacinas.

BRONWIN (pesquisadora): Dr. Peter é um médico de Adelaide. É preciso acrescentar que, em CADA dose, CADA um desses produtos químicos pode atingir níveis de até 0,025%. Até 0,025% de cada produto químico em cada dose.

E o que mais encontramos nas vacinas? As vacinas são culturas em células de órgãos animais, que podem estar contaminados com ILIMITADOS vírus DESCONHECIDOS de animais. Só é possível examinar os pouquíssimos que já foram identificados. O vírus SV40, do macaco, contaminou vacinas contra pólio que foram aplicadas em MILHÕES de crianças, nas décadas de 1950 e 1960.

Ficou comprovado que o vírus causa tumores cerebrais - muitas vezes anos mais tarde. Existem também provas de contaminação por OUTRO vírus do macaco... vírus da imunodeficiência símia (SIV), parente próximo do HIV.

Referência: British Medical Journal 1991 - Artigo “Monkey business over AIDS vaccine”

BRONWIN (pesquisadora): Vamos ouvir o comentário do Dr. Mark Donohoe e do criador de cães Ashleigh Oulton, preocupados com essa questão da contaminação...

Dr. MARK: Você agora pode converter um vírus que costumava existir em uma linha de macacos ou uma linha diferente, sem matá-los. Se você o converte, mesmo minimamente, no processamento da vacina, você pode introduzi-lo em uma espécie não relacionada, ou seja, nos seres humanos.

ASHLEIGH OULTON (criadora de cães): O próprio parvo-vírus - que é um dos principais problemas nos cães atualmente - não existia até fins da década de 1970, quando apareceu, quase simultaneamente, no mundo inteiro.

Pesquisadores e veterinários apresentaram duas teorias com relação ao súbito aparecimento desta nova doença. Ambas estavam relacionadas com as vacinas.

Dr. MARK: Lembro-me que Mendelsohn dizia que, possivelmente, só temos uma chance de cometer um grave erro na vacinação, devido ao número de pessoas vacinadas. Se você introduz um patógeno, você o introduziu em dezenas ou centenas de milhões de pessoas simultaneamente, por uma via da qual o corpo não consegue se proteger.

BRONWYN (pesquisadora): Mas não são só os vírus que podem causar problemas. Proteína animal e material genético alheios também são injetados diretamente. Esse material pode vir de rim de macaco ou de cachorro, cérebro de coelho, vaca, porco e ovo de galinha. O organismo humano antes nunca havia encontrado isso em toda a sua história.

Dr. ROBYN: Quando ingerimos proteínas, elas vão para o intestino, onde são desdobradas em aminoácidos. Assim, aquilo que é absorvido pelo corpo não é nenhuma proteína animal. São os aminoácidos que nosso organismo reconstitui em sua própria proteína. Se, por algum motivo, uma proteína animal alheia entra na corrente sanguínea sem ter sido desdobrada em seus elementos, pode acionar uma reação auto-imune.

Assim, ao injetarmos diretamente na corrente sanguínea coisas que nunca deveriam entrar no sangue diretamente, não estamos apenas contornando nossas defesas, mas estamos erroneamente ativando outras defesas do sistema imunológico.

Dr. PETER: Pedacos de DNA animal, bacteriano e viral, são injetados nos bebês. Eles podem ser incorporados ao genoma humano. A estrutura do DNA humano pode mudar. Então, teoricamente, os seres humanos mudam. A estrutura do seu DNA é alterada, novos genes são adicionados; em que vamos nos transformar?

1.3 Efeitos reais da vacinação

BRONWIN (pesquisadora): Vamos ver apenas alguns dos resultados ao colocar todas essas substâncias no organismo, geralmente por injeção, e muitas vezes em quantidades não controladas.

1.3.1 Efeito da vacinação: Morte

ASHLEIGH (criadora de cães): Desde o momento em que foi vacinado, ele foi um bebê muito doente e, em quatro meses, a doença o matou. Ele foi o primeiro bebê a fazer biópsia dos rins. A biópsia foi enviada para o mundo inteiro e seis especialistas de outros países concordaram que o seu estado era, definitivamente, devido à vacina porque, ao nascer, seus rins estavam perfeitamente normais.

Dr. ARCHIE: Descobri, principalmente entre crianças aborígenes, mas também entre crianças brancas, que se estivessem com um simples resfriado, ou se tivessem recentemente tido uma série de doenças simples ou se o seu estado nutricional não estivesse tão bom como deveria estar, caso fossem vacinadas, o resultado poderia ser fatal.

Fui a Melbourne fazer palestras sobre esse problema e estive fora durante 5 ou 6 dias. Um médico veio me substituir. Expliquei detalhadamente a ele que, em hipótese alguma, deveria vacinar um bebê aborígene doente, mesmo se só tivesse um simples resfriado. Quando saí da cidade - não vou repetir as suas palavras porque foram grosseiras - ele chegou a dizer a alguns moradores da cidade que ele não acreditava nas minhas teorias - minhas teorias, imagine - nem nas minhas observações e que não tinha a mínima intenção de seguir os meus métodos.

Ele examinou um garotinho aborígene, o bebê mais bem cuidado do distrito e esse menino tinha uma infecção do trato respiratório superior. Ele aplicou a vacina tríplice. A criança morreu. Ele

examinou um outro bebê aborígine, uma menina que estava com uma leve diarreia e provavelmente pensou “Bem, o primeiro caso foi só uma coincidência, não teve nada a ver com a vacina”. Ele aplicou a tríplice. Ao voltar para Collarenbri encontrei a menininha à morte.

Dra. VIERA: Naquela época, os pesquisadores de morte súbita no berço achavam que esses bebês morriam porque havia alguma coisa errada com seu controle respiratório. Portanto, se concentraram na respiração e alguns pais passaram, em casa, a monitorar a respiração de seu bebê, na tentativa de evitar que os filhos morressem no berço.

Os episódios alarmantes foram divulgados após uma série de eventos estressantes, como a incubação de uma doença. Uma ou duas noites antes que surgisse o nariz escorrendo, os bebês apresentavam um ou dois episódios. Os episódios precederam o aparecimento de sintomas. Um dia muito cansativo, saídas prolongadas para compras, viagens de carro e coisas desse tipo. Mas a grande maioria dos casos aconteceu após uma vacinação.

Isso foi na época em que não sabíamos nada sobre a controvérsia envolvendo a vacinação. Na realidade, há uns 40 anos meus filhos foram vacinados e, com a primeira filha, nem relacionamos aquela série de infecções do ouvido, de bronquite, e sua saúde precária, à aplicação daquelas vacinas. Nem sei que vacinas ela recebeu. Foram quase três anos de pesquisas relacionadas à respiração de bebês, até que meu marido e eu olhamos um para o outro e dissemos “As vacinas estão matando bebês”. É o aglomerado de óbitos e o aglomerado de crises de dificuldades de respiração que constitui a prova verdadeiramente científica da relação causal. Entretanto, quando estudamos os trabalhos referentes, por exemplo, aos óbitos no Tennessee ou outros óbitos após a vacinação, dizem que houve um aglomerado fora do comum desses óbitos, que não provam a relação causal. Porém, todos os dados oficiais mostram o mesmo.

Esses são os assim chamados óbitos do Tennessee.

Gráfico: Página de gráficos do Cotwatch publicados no seu livro “Vacinação” em 1993. Entre 1977 e 1979, muitos bebês morreram dias após sua primeira vacina tríplice.

Gráfico intitulado “Óbitos após a vacina DPT”

E aqui temos 41 bebês que morreram dentro de 20 dias.

E é interessante observar o aglomerado desses óbitos nos mesmos dias críticos.

Voltamos à página dos gráficos do Cotwatch publicados no seu livro “Vacinação”. Aqui registramos a respiração de bebês após a vacinação. É óbvio que mais bebês morreriam nesses dias críticos, quando qualquer bebê tem uma crise de respiração difícil.

E novamente aqui vocês podem ver a prova científica da relação causal entre a aplicação das injeções de DPT e os óbitos ocorridos no Tennessee.

Gráfico colorido: Aqui temos o registro da respiração de 9 bebês.

Cada cor representa uma criança. Este é o dia 0. Vocês podem ver uma série de dias antes da vacinação, em que não havia dificuldade de respiração. Então recebem a injeção e vejam o acesso após 48 horas e os acessos nos intervalos e vejam todos esses bebês que tiveram uma reação retardada. Mesmo os bebês cujas mães não registraram qualquer reação, mesmo esses bebês tiveram a respiração ligeiramente alterada naqueles dias em que os outros bebês apresentaram uma forte reação.

1 a 8 bebês nascidos na Austrália (por 1000!), perdem a vida por morte no berço.

BRONWYN (pesquisadora): Em 1975, quando o Japão parou de vacinar crianças com menos de 2 anos de idade, passou imediatamente do 17º lugar para o país com o mais baixo índice de mortalidade infantil do mundo. 13 anos mais tarde, a idade mínima para vacinação foi baixada para 3 meses e aí a tendência imediatamente retrocedeu.

1.3.2 Efeito da vacinação: Danos cerebrais

SHANE (pai): Ele tinha parado de respirar. Os médicos então pegaram meu filho, Dillan, levaram-no e, cerca de 5 minutos mais tarde, voltaram dizendo que não era nada, apenas um caso de insolação. Estava tudo bem. Eles iriam apenas observá-lo por algumas horas e depois nos disseram que podíamos levá-lo para casa.

Dr. ROBYN: E, no entanto, quando observamos os sintomas que vemos em uma criança que foi vacinada - febre alta, gritos estridentes, às vezes até fraqueza e, em certos casos, uma hemiplegia - esses são sintomas que - se observados em uma criança que não tivesse acabado de ser vacinada - todos nós, médicos, pensaríamos que essa criança talvez estivesse com algum tipo de meningite viral. Não iríamos simplesmente dizer “Tudo bem, tome este remédio e vai passar”.

SHANE (pai): Nós tínhamos totalmente esquecido o que aconteceu na primeira vez. Nós nem relacionamos os casos. O médico deu a vacina, deixamos o hospital e entramos no carro. Nesse momento, Dillan começou a ter convulsões. Dessa vez foram apenas convulsões rápidas. Ele pulava em nossos braços, literalmente pulava. Seus olhos reviraram, ele parou de respirar, seus lábios ficaram roxos e ele ficou mole. Voltamos correndo para o hospital e dissemos “Vejam, o que está acontecendo com nosso filho? Já é a segunda vez. Cada vez que ele tomou vacina, teve uma forte reação”. Os médicos disseram “Venham conosco”. Eles nos levaram. Ao fim de 24 horas, finalmente nos disseram que Dylan estava com meningite e que isso nada tinha a ver com a vacina ministrada momentos antes dessas convulsões. Foi o momento mais assustador da minha vida como pai.

Dr. RITCHIE: Não sabemos o bastante sobre como o estresse afeta o organismo. É interessante notar que a primeira vacina contra sarampo, caxumba e rubéola na Nova Zelândia - e creio também na Austrália - continha a caxumba da cepa “Urabe”. Agora, os japoneses fizeram punções lombares e provaram que esse tipo de vacina contra caxumba provocou meningite em um número significativo - creio que 1 em 600 - receptores da vacina, UM MÊS mais tarde. Ora, se você vai ao seu médico e conta que aquilo que aconteceu com seu filho foi devido à vacina aplicada um mês antes, ele vai rir na sua cara.

Dra. VIERA: Quando uma criança contrai encefalomielite sofre danos cerebrais ou morre após a vacinação. Muitas vezes a gente ouve que se trata de coincidência, que não foi por causa da vacina, que não há relação causal. Bem, isso não é verdade. Em 1985, o Jornal de Ciência Médica e Biologia do Japão publicou este artigo.

Revista Japonesa de Ciência Médica e Biologia, 1985

Aqui dizem que “A aplicação da vacina contra coqueluche causa uma série de reações adversas em crianças. As piores reações são encefalopatia e distúrbios neurológicos, que ocorreram em casos raros. Também causaram, em casos raros, danos cerebrais graves e até mesmo a morte. Esses incidentes infelizes frequentemente reduzem a aceitação da vacina e até ocasionaram boicotes à vacinação.”

Ouvimos que é preciso proteger as crianças do sarampo, porque queremos evitar uma doença degenerativa do cérebro - a panencefalite esclerosante subaguda - que, muitas vezes, está ligada ao vírus do sarampo.

Referência: “Pediatrics 1977”

No entanto, esse artigo diz que, na verdade, crianças que nunca tiveram um histórico de sarampo natural, mas receberam a vacina contra sarampo, também contraíram panencefalite esclerosante subaguda. Logo, vacinar não significa prevenir essa encefalite.

Esse é outro artigo que diz o mesmo. Foi publicado na revista da Associação Médica Americana.

JAMA - Journal of the American Medical Association 1973 - “Panencefalite após vacina contra sarampo” .

Novamente, uma criança sem histórico da doença foi vacinada contra sarampo e desenvolveu panencefalite esclerosante. Se existe um efeito colateral que pode ser causado quando a doença ocorre naturalmente, parece lógico que esse efeito colateral também é causado pela vacina.

Dr. ROBYN: Um trabalho muito interessante, realizado nas décadas de 1930 e 1940, mostrou que algumas formas de encefalite poderiam causar problemas de comportamento. Esses estudos foram sepultados há muito tempo, mas levantam sérias dúvidas. Agora que estamos realizando vacinações em massa de grande número de crianças e estamos presenciando a incidência cada vez maior de anomalias comportamentais - aumento de comportamento sociopático, de crimes, de dificuldades de aprendizado, de déficit de atenção e hiperatividade - existe quem teorize que isso tudo se deva à leve encefalopatia causada pela vacina.

Dr. PETER: “Imunizações” podem causar encefalite, inflamação do cérebro e - se estendemos a descrição o suficiente - qualquer forma de irritabilidade é uma forma branda de encefalite e pode ser relacionada a fatores como TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), autismo, dano cerebral mínimo. Pensem nisso: milhões de crianças são “imunizadas”. Parte dessas crianças contraem algum dano cerebral, como autismo. Por que será que, somente a partir da década de 1940, os danos cerebrais e autismo apareceram? Foi porque nessa época a imunização foi introduzida em larga escala.

BRONWYN (pesquisadora): É claro que qualquer parte do corpo, não só o cérebro, pode ser prejudicado. E o que estamos fazendo com o nosso sistema imunológico?

1.3.3 Efeito da vacinação: Sistema imunológico prejudicado

Dr. ROBYN: É interessante observar o aumento dos casos de pólio após vacinações em massa, não apenas especificamente contra a pólio, mas contra outras doenças também. Isso porque talvez estejamos desequilibrando o sistema imunológico quando vacinamos. Portanto, as defesas naturais do organismo contra a pólio ficam reduzidas.

Artigo do: New England Journal of Medicine 1993

Dra. VIERA: Aqueles surtos de pólio em 1930, 1949 e 1950 foram, de forma evidente, causados pela intensificação da vacinação contra difteria, porque os pais das crianças que contraíram a pólio se queixavam, dizendo que isso havia acontecido dentro de alguns dias, semanas ou três meses após as vacinas contra difteria. “Poliomielite provocada”, essa é a verdade sobre aqueles surtos de pólio. Na minha opinião bem fundamentada, a pólio é uma doença provocada pelo homem.

BRONWYN (pesquisadora): Logo após o início da vacinação contra sarampo, uma nova forma perigosa apareceu SOMENTE nas crianças vacinadas. Nessa forma atípica de sarampo, em vez da erupção evoluir para baixo e para fora, longe dos órgãos vitais (como acontece com o sarampo normal) vai diretamente para esses órgãos, causando pneumonia ou meningite, resistentes a todo o tratamento.

Pesquisas realizadas no Canadá mostraram os dados seguintes publicados na revista da Associação Médica Americana:

Journal of the American Medical Association 1973

Sarampo atípico - Ocorre em até 50% dos casos nas crianças vacinadas. Ocorre SOMENTE nas crianças vacinadas. Tem um índice de mortalidade estimado em 12 a 15%.

Portanto, da próxima vez que você ouvir quantos morreram por causa de sarampo, caxumba, coqueluche, etc, pergunte quantos haviam sido vacinados contra aquela doença ou contra alguma outra.

Ora, as vacinas não só aumentam a suscetibilidade a várias doenças, como também causam dis-

função crônica da imunidade. Leanne Hawkins, que fundou um grupo de informação sobre vacinas, passou por uma experiência com seus filhos, que é bastante comum.

LEANNE HAWKINS (publica Vaccine Information for Parents): Quando nasceu, ela era uma criancinha muito saudável e continuou bem até receber a primeira vacina, mas eu não percebi, naquela época, que foi aí que os problemas começaram. Ela teve um eczema, desenvolveu asma e passou a ter uma série de alergias. Passamos muito tempo consultando diversos especialistas, que acabaram perguntando quando ela havia sido vacinada. Eu respondia que fora 2 ou 3 semanas antes da consulta e eles me diziam “Oh, é pura coincidência”, e me indicavam outro médico para tentar resolver os problemas que ela estava enfrentando na época.

A segunda vez foi com o meu filho e há uma diferença de 15 anos entre os dois. Aí eu percebi quase que imediatamente após a primeira vacina e perguntei ao médico. Ele me respondeu que não, era simples coincidência. Meu filhinho ficou coberto de eczema. Esteve doentinho durante uma semana. Depois, três horas após a segunda vacina, ele ficou muito doente e teve todos os problemas pelos quais minha filha havia passado.

Dr. MARK: Diversas pessoas vieram obter meu conselho quando a criança teve reações claramente adversas, causadas pela primeira vacina, e o comentário do médico, por ocasião da segunda vacina, era, “Oh, isso não vai acontecer de novo”. Sabemos agora das reações adversas e que essas coisas tendem a aumentar.

Há cerca de 20 anos, mais de 6 séries de antibióticos, 6 doenças em um ano eram motivo de preocupação e, talvez, caso de um encaminhamento para verificar por que uma criança adoecia tantas vezes. Nos últimos anos, 12 infecções por ano parece ser o número mágico: se a criança fica doente mais do que 12 vezes por ano, ela é encaminhada a alguém que saiba verificar o que está errado com a criança.

Neste último ano, foi cogitado aumentar o número mágico para 24. Que a criança seja considerada normal tendo duas infecções por MÊS nos primeiros anos de vida! Minha preocupação é que talvez tenhamos perdido o fio da meada. Temos agora um grupo de crianças mais doentes. Talvez não estejam com pólio, não estejam com coqueluche, nem difteria, mas temos na comunidade um grupo realmente esquisito.

Temos um Ministro da Saúde que diz que temos um dos melhores sistemas de saúde do mundo. Por quê? Porque a média das crianças de dois anos visita o médico 7 a 8 vezes por ano. Ora, o melhor sistema de saúde do mundo seria aquele em que a criança normalmente não vai ao médico nenhuma vez no ano. Não se mede o sistema de saúde pela frequência com que as pessoas consultam os médicos, mas pela pouca necessidade de procurá-los.

Dr. PETER: Esse é, provavelmente, um dos efeitos mais comuns da imunização que vejo no meu consultório todos os dias - crianças com infecções recorrentes do ouvido e da garganta. Eles pegam todo resfriado que aparece. Isso porque seu sistema imunológico foi abalado. Na maioria das vezes, os pais conseguem relacionar isso a uma ou outra de suas vacinas. Foi quando essa criança contraiu seu primeiro resfriado ou infecção de ouvido ou da garganta e, desde então, é uma infecção atrás da outra.

1.3.4 Efeito da vacinação: Reações auto-imunes

Dr. ROBYN: Outra vez porque o organismo foi exposto a isso por um caminho errado. É possível que aquilo que estamos observando seja uma baixa exposição contínua àquele antígeno - e “antígeno” é a palavra que usamos aqui. Quando isso acontece, as células T ficam sempre ligadas em baixo nível e com baixa liberação contínua dessas coisas chamadas “citoquinas”. Isso é interessante, porque existem certas doenças modernas que parecem ter esse padrão. Vários pesquisadores pensam, por exemplo, que a síndrome de fadiga crônica pode estar relacionada a isso, porque, em um grande

número de pacientes com síndrome da fadiga crônica, encontramos células T ligadas em nível anormalmente baixo. E é interessante que o grupo etário corresponde à incidência dessa doença.

RON LYONS (sofre de Síndrome de Fadiga Crônica): Depois daquela vacina com toxóide tetânica, minha vida mudou completamente, porque sofro de fadiga crônica, que começou logo depois que tomei a vacina.

BRONWYN (pesquisadora): A Síndrome de Fadiga Crônica, que acometeu Ron, é apenas UMA de muitas doenças auto-imunes que, comprovadamente, são causadas por vacinas.

Vamos agora ver a bula de um produto, nesse caso da vacina contra Hepatite B

Bula da vacina contra Hepatite B (Engerix)

É surpreendente o que podemos encontrar ao ler as letras miúdas: “artrite, neuropatia, paraestesia, paralisia, neurite (síndrome de Guillain-Barre, neurite ótica e esclerose múltipla)...reações tardias de hipersensibilidade (que surgem até várias semanas após a vacinação), que se manifestam como artrite e diversas reações dermatológicas”.

São vários problemas que podem ser causados por essa vacina, que somente há pouco tempo passou a ser aplicada em recém-nascidos.

A vacina contra Hepatite B pode causar tosse paroxística similar à coqueluche Precisamos, então, perguntar: quantos casos de “coqueluche” são realmente coqueluche?

Existem também casos documentados de vacinas que levaram a danos vasculares. Esses incluem os tipos de ferimentos que fizeram com que pessoas, que cuidavam de bebês, fossem acusados de ferir e, às vezes, até matar bebês, aparentemente por sacudi-los.

Com que frequência então as vacinas causam problemas graves?

Vejamos alguns exemplos: De cada 6.000 crianças nascidas na Austrália 18 morrem de ASMA. 3 sofrem de AUTISMO grave. 12 têm PARALISIA CEREBRAL diagnosticada após 6 meses de idade, em 75% dos casos 300 a 600 foram diagnosticados como tendo TDAH.

Essas são apenas algumas das muitas enfermidades que não estão apenas ligadas à vacinação, mas que eram DESCONHECIDAS antes que a vacinação começou em larga escala; há 100 anos.

Outros exemplos são o câncer antes dos 40 anos de idade e também a pólio e meningite Hib. Esses dois micróbios são, normalmente, TOTALMENTE INOFENSIVOS e sua provocação por várias vacinas está bem documentada.

O vírus da pólio e a bactéria H.I.B. (*Haemophilus influenzae B*) são ambos normalmente inofensivos. Também cumpre mencionar um artigo publicado em 1987, na revista *Neurology*, mostrando que a ocorrência de convulsões por dose da vacina contra a coqueluche é de 1 em 1750 - e são ministradas até 5 doses.

A maioria dos efeitos das vacinas é retardada e, portanto, a ligação não é reconhecida. No entanto, a vinculação com um número surpreendente de efeitos é bem documentada.

Greg Beattie, pai e autor do livro “*Vaccination: A Parent’s Dilemma*”, apresenta um resumo de muitos efeitos das vacinas que são encobertos.

GREG: Não divulgam pequenos detalhes como, por exemplo: se o seu filho deixou de tomar a vacina contra coqueluche, ele terá menor probabilidade de contrair asma. Não contam que as crianças que deixaram de tomar a vacina contra sarampo têm menor probabilidade de desenvolver doenças inflamatórias dos intestinos. E também não contam, que as crianças que não receberam a vacina contra Hepatite B - ou a vacina HIB (*Haemophilus influenza B*) - estão menos propensas a contrair diabetes. Ou que aquelas vacinadas contra rubéola são menos propensas a desenvolver artrite. E nem nos contam os riscos graves, como o fato de que vacinas podem causar danos cerebrais, paralisia permanente, graves distúrbios sanguíneos, disfunção crônica do sistema nervoso e morte.

Esses são fatos muito importantes. Deveriam ser divulgados. São resultado de pesquisa científica séria e são publicadas nas revistas médicas. Deveriam nos contar.

1.3.5 Efeito da vacinação: As doenças aparecem mais cedo

BRONWYN (pesquisadora): Outro fato documentado sobre a vacinação é que transforma coqueluche, sarampo, caxumba, rubéola e catapora, chamadas doenças da infância - que normalmente são benéficas nessa idade - em doenças perigosas na infância. Vamos comparar os países que aplicam e que não aplicam a vacina contra coqueluche:

Referência: Pediatrics Infectious Diseases Journal 1993

Dra. VIERA: A Suécia parou de vacinar contra a coqueluche em 1979. Isso foi após a epidemia de coqueluche de 1978-1979. Essas epidemias ocorrem ao mesmo tempo no mundo inteiro, independente do país promover a vacinação. Em 1978-79, 84% das crianças suecas que contraíram coqueluche tinham sido vacinadas. O governo, então, analisou corretamente as estatísticas e suspendeu a vacinação contra coqueluche.

Um acompanhamento da distribuição de coqueluche por faixas etárias, realizado durante 10 anos, mostrou que não houve incidência abaixo da idade de seis meses. Na maioria dos casos, cerca de 90%, ocorreu entre 2 anos e meio a 10 anos. Nessa faixa etária, a coqueluche não é uma doença perigosa. Ela só é potencialmente séria em bebês abaixo de seis meses de idade. Vejamos agora a coqueluche por faixas etárias nos Estados Unidos, onde a vacinação é obrigatória.

Referência: Journal of Infectious Diseases 1994

Eis a incidência por grupo etário de coqueluche, bacteriologicamente confirmada no Estado de Massachusetts, de 1981 a 1991. 90% dos casos de coqueluche ocorreram nos EUA em crianças menores de um ano. E aqui temos um desdobramento por meses, que é ainda mais interessante, porque podemos observar a incidência muito alta de coqueluche em bebês com menos de dois meses, o que inclui os bebês com apenas seis semanas de idade (nos EUA começam a vacinar com seis semanas). Podemos observar ainda a alta incidência abaixo da idade da vacinação. No artigo, eles explicam da seguinte forma: Esses são bebês cujas mães foram vacinadas na infância e tiveram pouca ou nenhuma imunidade transmitida através da placenta, que geralmente protege o bebê contra coqueluche e contra outras doenças infecciosas. Essa é uma prova dos efeitos colaterais insidiosos por longo prazo da vacinação: diminuição da imunidade transmitida pela placenta.

BRONWYN (pesquisadora): Portanto, precisamos refletir sobre aquilo que estamos fazendo para os filhos de nossos filhos por meio do enfraquecimento da imunidade. Mas, o que é pior, será que estamos danificando nossos genes ou nossos órgãos reprodutivos?

1.3.6 Efeito da vacinação: Danos causados à reprodução

PAULINE (enfermeira): Será que o atual aumento da asma ocorre porque os pais foram vacinados? Embora as crianças não herdem as mesmas alergias que seus pais, eles herdam uma tendência a alergias e sabemos que existe alguma conexão entre dano mitocondrial e DNA, que poderia ser transmitido.

ASHLEIGH (criadora de cães): Ultimamente, os criadores estão presenciando problemas chocantes de infertilidade em muitos cães, machos e fêmeas - pouco esperma e fêmeas que não concebem, embora os machos sejam reprodutores comprovados. Mesmo quando pararam de vacinar, os criadores estão verificando resultados residuais, como infertilidade e artrite, relacionadas à vacinação de cães.

Na realidade, há grande número de problemas relacionados à vacinação de cães. Mas a diferença entre seres humanos e cães é que o tempo de uma geração de cães é cerca de 1/10 do tempo de uma

geração de seres humanos. Logo, o que estamos presenciando nos cães é o que veremos acontecer com os seres humanos no futuro - e isso é assustador. Se não começarem a ouvir e a verificar os dados verdadeiros sobre o que está acontecendo com nossos cães, então, no período de 5 gerações ou menos, veremos o mesmo acontecendo com os seres humanos.

BRONWYN (pesquisadora): Resumindo em termos amplos, em vez de resultar em “prevenção”, as reações às vacinas na verdade enquadram-se em “anafilaxia”, que significa “sensibilização”, o OPOSTO de imunização.

A maioria dos efeitos, desde o inchaço no local da injeção até problemas crônicos como alergias e asma - até paralisia, danos cerebrais e morte - simplesmente refletem os vários GRAUS da anafilaxia, cujas consequências até transcendem as gerações.

As doenças infantis são perigosas?

A próxima pergunta é: as doenças da infância são perigosas, se ocorrem na idade certa, ou seja, em crianças não vacinadas?

Dr. PETER: Na realidade, não são perigosas, na maioria dos casos. As doenças da infância são para crianças - fortalecem o seu sistema imunológico. Os conservadores sempre mencionam a taxa de mortalidade por sarampo nos países do terceiro mundo. De fato, milhares de crianças morrem de sarampo no terceiro mundo, mas não porque não são vacinadas contra sarampo. É por que são desnutridas, vivem em favelas, sem água potável, sem esgoto.

Nos países do primeiro mundo é raro uma criança morrer de uma doença da infância e, quando isto ocorre, é por causa de algum outro problema coexistente.

Dr. MARK: Observamos crianças com anticorpos de difteria, de coqueluche, que nunca tiveram a doença. Como isso aconteceu?

Bem, é por que ocorreu algum tipo (natural) de “vacinação”. O sistema imunológico agarrou a coqueluche ou a difteria, reconheceu e disse “Ah, aqui está a resposta” e agora o organismo está protegido.

Dr. ROBYN: Observando essas doenças em sua história e seu padrão natural, elas não são doenças graves - caxumba é tipicamente uma doença benigna na infância. Quando ocorre em crianças, apenas causa um inchaço glandular e algum desconforto, mas geralmente passa sem deixar consequências. No entanto, é muito provável que a caxumba no adolescente cause inflamação dos testículos e outros problemas. Não é a mesma doença como quando ocorre na infância. Da mesma forma, a rubéola na criança pequena é muito benigna e auto-limitada. O sarampo certamente pode causar complicações na infância, mas hoje existem estudos mostrando que o sarampo ocorre em escala muito maior entre pessoas com deficiência de vitamina A. A Organização Mundial de Saúde recomenda doses altas de vitamina A nos países subdesenvolvidos, para ajudar a prevenir o sarampo.

Portanto, as vacinas contra sarampo, caxumba e rubéola provocam efeitos colaterais ao serem usadas para vacinar contra doenças que provavelmente - considerando todos os fatos - nem precisam de vacina.

Dr. MARK: Na criança em um ambiente natural, com educação adequada, padrão de vida adequado, acesso a recursos médicos, caso fique doente, todas as doenças “evitáveis com a vacina”, com exceção da pólio, são doenças eminentemente tratáveis. Mesmo sarampo e caxumba, embora causadas por vírus, não costumam ser doenças graves para a grande maioria das crianças. No caso de crianças doentes, pessoas que já estão doentes, aí sim, podem ocorrer consequências adversas. Nada parecido com os riscos que enfrentamos em outras áreas de nossas vidas. São riscos muito baixos comparados com os riscos que podemos correr com a vacinação.

Referência: Lancet 1985

Dra. VIERA: Temos aqui um artigo muito interessante “Infecção pelo vírus do sarampo na infância,

sem erupções, está relacionada à doença na idade adulta”.

Há benefícios do sarampo. Contrair o sarampo não só dá imunidade vitalícia contra o sarampo, como também imunidade contra certos tumores, doenças auto-imunes, doenças de ossos e cartilagens e doenças da pele. Porque privar as crianças desse benefício? Além disso, o sarampo representa um marco no desenvolvimento porque, depois de sarar do sarampo, as crianças crescem - passam por um vigoroso crescimento.

Referência: Cancer 1966

Já em 1966 sabiam que caxumba protege contra câncer do ovário.

DAVID (um pai): Minha filha teve sarampo com 6 ou 7 anos, o que é bastante normal, e fez vários desenhos. (As descrições a seguir são referentes a esses desenhos).

No início do sarampo, enclausurada nesta estufa vermelha, que é o seu corpo, com febre alta, ela não estava muito feliz. Depois ela passou para outra fase e, no final do sarampo, o sol começou a sair aos poucos e, no seu desenho, vemos que as flores estão saindo. As coisas começam a melhorar.

Depois do sarampo, ela fez este desenho que nos deixou intrigados. Anna era uma criança muito sonhadora, mas no final do sarampo, de repente, ela fez um desenho que mostra uma enorme quantidade de detalhes. Há telhas no telhado e um varal, há estacas na cerca, há pássaros - muitos e muitos detalhes. Tivemos a impressão de que essa doença ajudou a acordá-la para o mundo.

Faço muitas palestras para pais e sempre faço esta pergunta: “Vocês observam algum desenvolvimento por meio da doença pela qual seu filho passou, principalmente uma doença com febre e erupções?” E penso que muitas pessoas que abandonam a filosofia da supressão por antibióticos, por paracetamol, estão observando como as crianças realmente passam por um impulso em termos de desenvolvimento. Talvez comecem a falar melhor, talvez mostrem novos sinais de desenvolvimento. É interessante que, olhando a doença de outra forma, talvez essas doenças tenham um papel na infância. Talvez ajudar o seu filho a passar pela doença seja bem melhor, para o sistema imunológico e todo o desenvolvimento da criança, do que usar substâncias bastante tóxicas na tentativa de preveni-las, o que talvez você nem consiga.

1.4 Por que a vacinação continua?

BRONWYN (pesquisadora): Perguntar se as doenças da infância são perigosas parece o mesmo que perguntar se praticar exercícios é perigoso. Tudo isso leva à pergunta óbvia, por que a vacinação continua?

GREG (autor): Quando temos uma crença que nos impede de ter uma visão racional das coisas, que nos impede de aceitar a realidade, dizem que estamos em transe. Quando isto acontece com uma nação ou comunidade inteira, isso se chama “transe cultural”. Um exemplo disso foi quando todos pensavam que o mundo era chato. Creio que estamos passando por um transe cultural com relação à vacinação há 200 anos, quando Jenner fez sua experiência - que, cumpre acrescentar, foi com uma só pessoa. Desde então, a vacinação foi introduzida como uma grande invenção e se tornou uma das pedras fundamentais da medicina moderna. Questionar é heresia.

A vacinação é considerada fenomenal e maravilhosa. Durante 200 anos, promovida como método seguro e eficaz. Agora, os governos dificilmente vão voltar atrás. Então, como as pessoas impedem que essa informação seja divulgada? Essa é uma questão muito complexa, mas acredito que principalmente seja ignorância. A maioria dos especialistas na área da saúde simplesmente não conhece essa informação. Na verdade, sabem muito pouco sobre isso, porque raramente lêem as suas próprias publicações profissionais. A maioria anda tão ocupada e existem tantas publicações profissionais...

Dr. PETER: As pessoas não gostam de assumir a responsabilidade por sua própria saúde. Então, é mais fácil permitir que os médicos façam alguma coisa para mantê-las saudáveis.

Em segundo lugar, a informação sobre imunização vem principalmente das indústrias farmacêuticas e dos pesquisadores que eles pagam. Há pouquíssimos pesquisadores independentes.

Em terceiro lugar, a indústria de vacinas movimenta bilhões de dólares e aí existem pelo menos bilhões de boas razões para que ela continue vigorando.

Dr. ROBYN: Eles afirmam abertamente e o sistema jurídico basicamente diz “Se você advogar contra a vacinação, a AMA (Associação Médica Australiana) fará tudo para cancelar o seu registro”.

Dr. MARK: Hoje, cerca de 40% dos australianos procuram cuidar de sua saúde por meio da medicina alternativa. O custo total é de 1 bilhão de dólares. Os outros 60% procuram a medicina ortodoxa. O custo total é de 22 bilhões de dólares. É um fenômeno social. Por que será que tanta gente está deixando os médicos? Provavelmente, porque a comunidade não confia mais neles. O médico que está preparado para mentir, afim de conseguir que mais crianças sejam vacinadas, está preparado para perder os clientes para quem mentiu. Isso é um problema para mim, o fato de eu fazer parte de uma profissão que mente sistematicamente para as pessoas, sobre um procedimento potencialmente arriscado. Não vejo como isso pode ser explicado com “Mas é para o bem da comunidade”.

BRONWYN (pesquisadora): Mentir para o bem da comunidade? Pior do que isso, a lei está sendo infringida. . .

Em 1992, a Suprema Corte da Austrália determinou que os médicos têm “a obrigação legal de informar todos os efeitos colaterais de todos os procedimentos, de forma inteligível para o paciente. Mesmo que o paciente não pergunte”.

Além disso, não estamos sendo informados dos resultados já obtidos pelas pesquisas e até existe grande resistência em descobrir novos, sobretudo indesejados resultados.

Dr. MARK: Nos EUA temos John Martin, que estudou o vírus chamado Stealth, um citomegalovírus alterado. Onde foi que o encontrou? Nas vacinas. O vírus foi alterado de forma que não pode ser eliminado pelo sistema imunológico, mas ainda pode danificar células. Ele deu uma palestra aqui há alguns anos. Quando ele estabeleceu a relação com a vacinação, perdeu seu mandato na Universidade da Califórnia do Sul. Ele foi excluído do processo acadêmico, não porque sua pesquisa era boa ou má - ele é um pesquisador meticuloso, cuidadoso, muito bem respeitado e com diversas obras publicadas. Mas quando ele tocou nesse assunto, passou a ser “persona non-grata”.

BRONWYN (pesquisadora): Precisamos lembrar que a vacinação pode ter diversas funções, mas será que a nossa saúde é uma delas?

1.4.1 Conspiração da gripe suína

Dr. ARCHIE: O Presidente Ford ia vacinar toda a população dos EUA - todo homem, mulher e criança, negro, branco ou amarelo contra um tipo especial de gripe, chamada “gripe suína”, porque foi advertido de que haveria uma grande “epidemia”, que iria matar milhares de pessoas. Eu me pronunciei contra isso; os jornais tomaram conhecimento e eu apareci em um programa de televisão. Eu disse, especificamente, que muitas pessoas cairiam mortas após a vacina, principalmente se tivessem um problema cardíaco, real ou potencial. Havia uma pessoa em Nova York, que assistia ao programa e não gostava de um chefe da máfia, chamado Gambino, de 70 anos de idade. Ele pensou: “Essa é uma grande idéia”. Ele arranjou alguém para persuadir Gambino a tomar sua injeção contra “gripe suína” e Gambino morreu imediatamente. Os jornais na época publicaram “Conspiração da máfia com injeção da gripe suína”.

Jornal mostrando o Presidente Ford recebendo a injeção contra a “gripe suína” com a manchete “Não vai doer nada!”

Artigo abaixo, intitulado: “Chefão da Máfia morre após conspiração usando injeção contra gripe suína”

E na mesma página consta que pessoas estavam morrendo nos locais em que recebiam a vacina. Muitas outras ficavam com paralisia. O programa inteiro foi interrompido e eu fui o ÚNICO médico, em todo o mundo, que havia alertado sobre esses efeitos colaterais.

Páginas de jornal com as manchetes: “Vacina contra a Gripe Suína - Benção mortal? Médico australiano diz que é crime. Sanitarista apóia o uso”.

“Tragédia na Pensilvânia - 3 morrem após vacina contra a Gripe Suína”.

Sou um simples médico, sem especialização. Nem era americano e no entanto, fui o único. Todo mundo falava a favor da campanha e ficou óbvio que todo mundo estava errado. O programa todo foi interrompido. Não houve um único caso de gripe suína. Nunca houve epidemia de gripe suína e por que o homem mais poderoso do mundo, com o ministério da saúde mais poderoso do mundo, soube tudo de maneira tão errada, nunca vamos saber. Mas é importante compreender que ele soube errado e as autoridades também.

1.5 Direitos Legais

BRONWYN (pesquisadora): Tendo que enfrentar forças como essas; o humilde pai Greg Beattie entrou com uma ação judicial contra a prefeitura em um caso contra discriminação, quando seus filhos, que não haviam sido vacinados, foram recusados em uma creche da prefeitura. Ele e a Dra. Scheibner, como testemunha de defesa, apresentaram pilhas de provas, publicadas na literatura médica ortodoxa, sobre a ineficácia e nocividade das vacinas. E o que foi que aconteceu?...

GREG (autor): Eu fiquei contra a Prefeitura de Maroochy Shire. Eles tinham uma diretriz que excluía crianças não vacinadas de suas creches. Ora, não existe na Austrália nenhuma lei que obrigue a vacinação das crianças. A gente tem liberdade de escolher se quer ou não que sejam vacinadas e não existe nenhuma penalidade para quem não vacina os seus filhos - embora possa parecer a algumas pessoas que existem penalidades. Na realidade, se você se opõe conscientemente, pode evitar essas penalidades.

O comissário, com um documento de 19 páginas, referiu-se às nossas provas com uma frase. Ele disse: “É simplesmente impossível discutir as evidências apresentadas pela Dra. Scheibner e o Sr. Beattie.” Por outro lado, as três testemunhas da acusação - os “peritos” aceitos como especialistas pelo comissário - não apresentaram nenhuma prova além de sua opinião. Entretanto, foi neles que acreditaram.

BRONWYN (pesquisadora): É interessante observar as palavras proferidas no tribunal por um dos “peritos” médicos, quando Greg pediu provas de suas alegações. Ele disse: “Eu não tenho nenhum dado, porque é uma doutrina tão fundamental da escritura sagrada da medicina”. Tenha isto em mente da próxima vez que lhe disserem alguma coisa sem base em um artigo de uma revista médica ortodoxa.

GREG (autor): Usam o medo que as pessoas têm para promover a vacinação. Isso para mim é loucura. Temos muitas crianças e são muito saudáveis, fortes e robustas.

Dr. MARK: O conceito da criança não vacinada - filho ou filha dos pais que decidem não vacinar - como sendo transmissora de doenças, é pura bobagem. E quanto às crianças que dizem ter morrido atualmente de coqueluche, é difícil de descobrir, porque não são mortes notificadas de forma que se possa avaliar. Mas, entre aquelas crianças, não se sabe de nenhuma que tenha tido contato com alguma criança não vacinada.

BRONWYN (pesquisadora): Isso quanto aos direitos de Greg e sua esposa. Mas quais são os direitos onde você vive?

A situação que temos em Queensland não é a mais comum da Austrália. Em New South Wales, a escola precisa pedir um Certificado de Vacinação, mas você não precisa fornecê-lo. O certificado

somente indica a situação de “imunização”. No entanto, se houver um surto, a criança não vacinada pode ser mandada para casa. Mesmo com relação a viagens para o exterior, muitas pessoas pensam que certas vacinas são obrigatórias, mas na realidade não são.

1.6 Enfrentando os danos vacinais

É provável que você e seus filhos tenham sido vacinados. Existe algo que possa ser feito depois?

Dr. ROBYN: Lidar com situações em que já ocorreram danos vacinais depende da situação básica. Se, por exemplo, se trata de um dano neurológico e verificamos dificuldades de comportamento, a alimentação é importante. Em todas essas situações, voltar a uma alimentação o mais próxima possível da nossa alimentação original é vital. Nós todos precisamos fazer isso, quer haja um dano vacinal ou não. Para os casos neurológicos, devemos usar alimentos que contêm Vitamina E e ácidos graxos essenciais. 60% do cérebro é constituído de ácido docosahexanóico, um dos ácidos graxos essenciais e que precisa ser recuperado. Às vezes é preciso recuperar a colina para auxiliar as células na formação de mielina. Há muitos preparados homeopáticos que podem ser usados nesses casos. Se for um caso parecido com aquele que contei, com sintomas recorrentes de gripe, usaria altas doses de Vitamina C endovenosa, juntamente com os outros tipos de nutrientes que mencionei, e mudanças na alimentação.

Novamente, uso homeopatia de acordo com os sintomas. Certamente você vai precisar da medicina complementar. A medicina convencional não tem nada a oferecer nessas situações.

BRONWYN (pesquisadora): Um novo sistema de computação muito sofisticado, chamado Sistema Listen, está sendo cada vez mais usado para ajudar os terapeutas a avaliar e a combater os efeitos desestabilizadores das vacinas.

Pauline Rose usa esse sistema e ela vai usá-lo para fazer um teste em Russell, um estranho que abordamos na rua na hora da filmagem.

PAULINE (que usa o Sistema Listen): O Sistema Listen é um aparelho de triagem eletrodérmica usado para medir a resistência em nosso organismo, a resistência energética. Sabemos quais são os níveis normais de resistência e o desvio do padrão normal nos dá informação sobre a condição homeostática do paciente. Vamos fazer um teste, para verificar se existe alguma mudança na função nervosa, que possa ter sido causada por vacinação. Usamos os mesmos pontos que os acupunturistas usariam. O Sistema Listen só nos dá dados informativos. Não faz diagnóstico. Temos que fazer o diagnóstico por meio de uma combinação de fatores com base nos dados fornecidos pela máquina. Para encontrar o remédio homeopático correto, precisamos encontrar aquele que transforma uma leitura desequilibrada em uma equilibrada. Nesse caso, apareceu a vacina DPT, mas eu diria que você (dirigindo-se a Russell) provavelmente sofre de muitas alergias.

RUSSEL (paciente): É, muitas alergias.

PAULINE (enfermeira): Você sofre de febre do feno?

RUSSEL (paciente): Sim

PAULINE (enfermeira): Você tomou a vacina DPT e eu encontro muita gente que teve problemas com a vacina contra coqueluche, quando eram crianças. Acabam tendo muitos problemas respiratórios, têm sinusite, problemas do pulmão, asma, problemas de ouvido. . .

RUSSELL (paciente): É verdade, eu tenho tudo isso. Eu sou cabeleireiro e uso spray para fixar os cabelos que espalham polímeros pelo ar.

PAULINE (enfermeira): Isso provavelmente é um agravante, por causa dos alérgenos do meio ambiente ao qual você está exposto e eles atacam o seu ponto mais fraco. Todas essas coisas podem ser dessensibilizadas. Dá bastante trabalho, mas tipos diferentes de reações, vacinas diferentes, às

vezes causam doenças diferentes no adulto.

Quanto mais jovem for o paciente e mais recente a vacina, obviamente o efeito é mais rápido e simples, penso eu. Com outras pessoas, você precisa também fazer muitas outras coisas - melhorar o seu sistema imunológico por meio de nutrição e homeopatia, talvez ervas. Procuo o que é apropriado para algumas das crianças com problemas como hiperatividade ou epilepsia. Tenho, no momento, um paciente jovem, epilético autista. Desde que começamos a ministrar-lhe antídotos e tratamento homeopático, ele melhorou de maneira impressionante.

1.7 A verdadeira chave para a imunidade

BRONWYN (pesquisadora): Então, considerando os reais efeitos da vacinação, qual é a verdadeira chave para a imunidade?

Dr. IAN SINCLAIR, um naturopata, agora um higienista natural, que também pesquisou profundamente e escreveu um livro sobre vacinação, revela um fato interessante, que pode ser bastante embaraçoso para a medicina moderna. . .

1.7.1 Louis Pasteur: “a doença surge no organismo doente”

“O homem que foi responsável, que é reconhecido como a pessoa que deu origem à teoria do germe para a doença, foi Louis Pasteur. Antes de morrer, ele mudou de idéia. Ele acabou declarando que não são os germes, mas as condições do organismo. Portanto, não existe um indício de que você pode adoecer se tiver germes. Se a pessoa fica doente é porque - em nossa opinião - seu organismo está poluído e doente.”

Dr. MARK: É uma questão de manter a saúde e eu penso que nisso existe uma falha na medicina. A medicina não vê a saúde como proteção contra a doença.

Muitas vezes, os médicos até comentam de forma depreciativa: “Ah, existem pais que pensam que ter um filho saudável já é o bastante”. Ora, na realidade, é bastante! Na história da evolução, ter filhos saudáveis foi um bom caminho para trilhar o primeiro milhão de anos da nossa vida evolutiva. Mexer com vacinação é algo que fazemos há menos de duas gerações. Não temos idéia das consequências!

BRONWYN (pesquisadora): A introdução de uma conferência sobre doenças viróticas dizia que não existe algo como uma DOENÇA virótica. Existem apenas muitas interações vírus/hospedeiro que não entendemos. (Intervirology 1993).

1.7.2 Como então atingimos boa saúde?

Dr. IAN: Pela minha experiência e por aquilo que aprendi nos últimos 15 anos, acho que tudo começa com um pai e uma mãe saudáveis. Penso em um parto natural. Acho que a amamentação é essencial. Criamos nossos filhos com alimentos naturais, basicamente frutas, saladas, hortaliças e pequena quantidade de grãos e nozes - provavelmente próximo de uma alimentação vegetariana - muito ar fresco, muito sol, exercícios, deixe que eles se divirtam. Para mim, acima de tudo, as crianças precisam ser felizes, porque, se você não estiver feliz, não tem como ter um organismo saudável. É assim que eu vejo as coisas.

1.7.3 Alimentos naturais, exercícios

Dr. ROBYN: Somos corpo, alma e espírito, três áreas. Temos que cuidar de cada uma dessas áreas para vivermos a vida plena que devemos ter. Para a área física precisamos de ar puro, água limpa, alimentos integrais sem conservantes, sem química, não industrializados - tão naturais quanto possível. Precisamos fazer exercícios. Nosso corpo se destina a ser usado. Precisamos nos movimentar.

1.7.4 O perdão é fundamental à saúde

Essas são as coisas físicas que precisamos fazer. Geralmente há necessidade de suplementos. Infelizmente, não vivemos no mesmo ambiente em que fomos inicialmente criados e os alimentos não são mais os mesmos que estavam disponíveis. A maioria das pessoas precisa de suplementos para boa saúde e levar uma boa vida. Nossas almas precisam ser cuidadas, precisamos nos alimentar de bons pensamentos, da mesma forma que precisamos alimentar nosso corpo com bons alimentos. As questões emocionais precisam ser resolvidas. O perdão é fundamental para a saúde. Sabemos de casos de câncerem pessoas que não sabiam perdoar. Isso se transforma em amargura e alimenta as células erradas. Destrói o sistema imunológico.

Dr. ISAAC: As informações que apresento, quando falo sobre minha própria experiência neste campo, não é algo que inventei. É algo que foi usado durante 200 anos, com sucesso bem documentado no sentido clínico. A homeopatia é eficaz no tratamento de todo tipo de doença - também no tratamento de doenças infecciosas específicas. É uma opção real, disponível para as pessoas que decidiram não vacinar os filhos, mas que querem usar um método específico para a doença. Não estou achando que todos devam usar a opção homeopática, porque existe a opção real de permitir que seu filho não tenha nenhuma cobertura e possa contrair a doença e tratá-la. Não existe um consenso entre os médicos homeopatas sobre essa profilaxia. Resumindo...

BRONWYN (pesquisadora): Para finalizar, alguns dos nossos apresentadores vão resumir a questão da vacinação...

ASHLEIGH (criadora de cães): As ninhadas que minhas cadelas tiveram, desde que parei de vaciná-las e parei de vacinar os filhotes, não tiveram os problemas das ninhadas anteriores. Muitos outros criadores estão observando a mesma mudança e melhoria na saúde de seus cães.

SHANE (pai): Você precisa encontrar as informações, porque estas pessoas não amam seus filhos como você os ama.

1.7.5 Hipócrates: “Não faça mal”

GREG (autor): Quisera que os médicos ouvissem o seu maior professor, Hipócrates, pai da medicina: “Em primeiro lugar, não faça mal”. Se querem ministrar qualquer forma de tratamento, precisam primeiro assegurar que não estão causando um mal. O mal causado por vacina está tão bem documentado, que nem precisa ser discutido - paralisia, danos cerebrais, morte, milhões de dólares pagos anualmente como compensação. Esses milhões de dólares referem - se somente aos casos aceitos pelos tribunais e sei pessoalmente que aceitam muito menos do que deveriam - principalmente quando se trata de uma questão conservadora como essa. A palavra de ordem parece ser “vacinar ou morrer”.

Dra. VIERA: De acordo com as informações baseadas no estudo de revistas médicas qualificadas, escritas por vacinadores, as vacinas não previnem doenças, elas causam doenças. Elas tornam as pessoas vacinadas mais suscetíveis à doença que a vacina supostamente vai prevenir e a várias outras infecções bacteriológicas e virais. As vacinas causam alergias, sensibilidade a alimentos e a substâncias químicas, sendo que a relação causal entre a aplicação de vacinas e os efeitos colaterais observados é

irrefutável. Quer seja dano cerebral ou morte, está tudo bem documentado.

GREG (autor): É verdade, acreditamos que a saúde não é comprada em um frasco ou uma seringa. Saúde é o resultado direto de uma vida saudável, saúde natural. Não existe outro tipo.

Dra. VIERA: A vacinação - como qualquer outra intervenção médica - deve sempre ser uma opção dos pais.

SHANE (pai): Pelo amor de Deus, é a vida dos seus filhos e o futuro deles. Não o seu, mas o deles. Não deixe que aquilo que aconteceu comigo e com minha mulher aconteça com seus filhos.

1.7.6 Mentiras das campanhas de vacinação

Adendo em 1998 - Campanha de vacinação contra o sarampo na Grã-Bretanha

Em 1994, o governo britânico organizou uma campanha em massa, prevendo uma grande epidemia de sarampo, no início de 1995, com até 200.000 casos, milhares de hospitalizações e 50 óbitos - em um país que normalmente tem cerca de 5.000 casos por ano. Depois, o governo reivindicou o crédito pelo fato de a epidemia nunca ter ocorrido.

Pesquisa realizada pelo Bulletin of Medical Ethics (publicada em agosto de 1995) concluiu que:

1. Nunca houve ameaça de epidemia de sarampo em 1995.
2. Não havia justificativa para imunização concomitante contra a rubéola.
3. A campanha de vacinação em massa foi planejada como alternativa experimental para a imunização contra sarampo, caxumba e rubéola, em duas doses...
4. O governo enganou os pais intencionalmente sobre a necessidade da campanha e sobre os riscos do sarampo e da imunização contra o sarampo.
5. O Ministério da Saúde infringiu a lei da União Européia sobre contratos e licitações, para assegurar que determinados laboratórios farmacêuticos (cujos estoques de vacina contra sarampo e rubéola estavam prestes a perder a validade) recebessem o contrato.

Centenas de pais entraram com processo devido aos danos resultantes, inclusive autismo, problemas de visão e audição, epilepsia, artrite, diabetes, panencefalite esclerosante subaguda (SSPE), síndrome da fadiga crônica (CFS), esclerose múltipla (MS) e 14 casos de óbito.

Os líderes dessa campanha de vacinação auxiliaram os governos da Nova Zelândia e da Austrália com suas campanhas de vacinação contra sarampo em 1997 e 1998.

Atualização em 2003

Em 2003, o governo australiano conduziu uma campanha de vacinação meningocócica C, apesar das 16.000 reações adversas em uma campanha anterior na Grã-Bretanha e da revelação do fabricante, de que a vacina não havia sido testada para comprovar sua eficácia.

2 O alumínio contido nas vacinas provoca doenças graves - Dr. Marc Vercoutère

Considerado um adjuvante que estimula a resposta imunológica, o alumínio entra na composição de 25 vacinas habitualmente utilizadas na França, principalmente contra a difteria, o tétano, a poliomielite e as hepatites A e B.

Uma patologia emergente, prejudicial, que não pára de crescer - a miofascite macrofágica, possivelmente desencadeada por vacinas contendo hidróxido de alumínio - foi descrita pelo Prof. Romain Ghérardi, do hospital Henri-Mondor de Créteil. Em agosto de 1998, o professor publicou na revista *The Lancet*, com vários colegas, um artigo sobre essa síndrome, relativamente frequente nos países desenvolvidos.

Os pesquisadores, descobrindo constantemente inclusões cristalinas nos macrófagos, pensaram inicialmente na possibilidade de uma doença infecciosa. Depois, em outubro de 1998, a análise dessas inclusões revelou que eram constituídas por cristais de alumínio (Gherardi e outros ... "Macrophagic myofasciitis: a reaction to intramuscular injections of aluminium containing vaccines" no *Journal of Neurology* n° 246, 1999).

Perante os membros da missão parlamentar de informação sobre a Síndrome do Golfo, o Prof. Ghérardi declarou que essa síndrome poderia estar ligada à injeção de algumas vacinas. Ele explicou que a maioria dos sintomas (dores musculares, fadiga crônica, distúrbios da concentração) correspondem à miofascite macrofágica relacionada ao hidróxido de alumínio, utilizado como adjuvante em diversas vacinas.

Em 1999, o Comitê Consultivo para a Segurança das Vacinas da OMS concluiu que existe uma "relação de causalidade muito provável entre a ministração de uma vacina contendo hidróxido de alumínio e a presença da lesão histológica que caracteriza a miofascite macrofágica".

Há cerca de vinte anos, quando já se conhecia a toxicidade do alumínio, os pesquisadores do laboratório Pasteur-Mérieux tinham desenvolvido um adjuvante à base de fosfato de cálcio. Entretanto, quando o laboratório Mérieux comprou a Pasteur-Vaccins, as vacinas à base de fosfato de cálcio foram engavetadas.

Fonte: Vous et votre témoignage santé n° 10 - junho de 2004.

3 A respeito das vacinas - Philippe Champagne

Comecei a me interessar mais pelo assunto um pouco antes do nascimento do meu último filho. Tínhamos decidido não vaciná-lo.

Intelectualmente é muito fácil ser a favor de uma coisa. Mas, quando temos de tomar uma decisão que envolve um ser, tudo muda. Naquela ocasião, eu me voltei para aqueles que tinham bons motivos para pensar de modo diferente da versão oficial. É preciso ter muita força para lutar contra uma idéia defendida por várias gerações e a questão das vacinas tem esta particularidade: é uma idéia praticamente incontestada.

Em outros campos, que não o da medicina, existe uma certa flexibilidade mental e essa capacidade de questionamento é a principal qualidade de qualquer pesquisador digno deste nome. Mas, quando se fala de vacinas, esse questionamento não parece admissível.

O assunto é delicado. As questões de que vou tratar são cuidadosamente evitadas por aqueles que são responsáveis pela comunicação em matéria de saúde. Não acredito na versão simplista apresentada pelos adeptos das vacinas. A polêmica a respeito das vacinas é uma questão importantíssima, que não pode ser resolvida pela discussão. Existem interesses econômicos em jogo que deturpam a informação. A crença oficial tem hoje o mesmo poder que tinha antigamente a crença religiosa. A palavra de ordem oficial: erradicar.

Um contemporâneo de Pasteur, o médico Antoine Béchamp (Pasteur não era médico, mas químico) era pesquisador na Faculdade de Medicina de Montpellier, onde ensinou por muitos anos. Não tinha o hábito de se envolver em intrigas políticas e seu nome foi esquecido, bem como seus estudos, apesar de conterem diversas respostas a perguntas que incomodam ainda hoje os adeptos de Pasteur. Existe

em Paris um instituto Antoine Béchamp e aqueles, que buscam informações objetivas sobre suas pesquisas, podem obtê-las facilmente. Mas essas descobertas não interessaram àqueles para quem a erradicação era uma fonte de renda, apoiados pelos governos, que viam nela uma nova maneira de conquistar os votos do povo. Erguer um povo contra um inimigo é, como todos sabem, o modo mais eficaz de uni-lo e manipulá-lo.

Naquela época, nunca foi demonstrado que a célebre experiência de Pouilly-le-fort era um engodo. Os senhores cientistas não se preocuparam com esses detalhes. Pior do que isso: os que tentaram reproduzir as experiências de Pasteur quebraram a cara: a teoria das vacinas só funcionava com ele.

Soube-se, mais tarde, que ele adicionava um produto para obter o resultado desejado. O bicromato de potássio (habilmente dosado, senão era morte certa) foi o primeiro da lista. Ora, o que faz um produto químico em uma preparação que se supõe provir de uma cultura atenuada de germes vivos? Os efeitos secundários são totalmente ignorados.

Atualmente parece que toda dose de vacina contém um sal de alumínio. O dicionário dos médicos, o Vidal, atesta isso: está escrito em letras tão miúdas que é quase preciso usar uma lupa para descobrir essa verdade lamentável. Os médicos desconhecem o verdadeiro papel desse sal, pois só sabem o que lhes foi ensinado. A maior parte deles aplica as vacinas porque esta é a lei. Eles se escondem atrás da lei para dissimular sua ignorância.

E o juramento de Hipócrates? Um velho sonho de um idealista emoldurado sobre suas cabeças, nada mais do que isso. Se você lhes perguntar diretamente, vai ficar sabendo: “Doutor, para que serve o hidróxido de alumínio contido em cada dose de vacina que vocês injetam por ordem da lei em cada recém-nascido que é levado às consultas obrigatórias, sem as quais não teríamos direito ao auxílio da Previdência Social?”

No tempo que antecede a resposta, pergunte a si mesmo, se você vacina seu filho por causa da doença que ele pode contrair e procure se informar sobre as técnicas existentes para evitar ou eliminar essa doença. É certamente o papel de um médico abrir os olhos de seus pacientes sobre as diferentes maneiras de se resolver uma questão de saúde.

Não, eles não têm mais tempo para isso, não sabem agir de outra maneira, só sabem vacinar: “uma picadinha não dói, só leva um segundo, e acabou!”

“Os laboratórios nos abastecem, as leis nos obrigam, a Ordem nos controla . . . O juramento de Hipócrates, foi certamente emoldurado e assinado, mas, se começarmos a duvidar das instituições, onde vamos parar?”

O alumínio é, como muitos metais, um perigo para o organismo. Estudos sobre seus efeitos na alimentação demonstram isso claramente e foram estabelecidos limites de toxidez. O alumínio se instala no sistema nervoso fazendo-se passar por ferro no sangue. A hemoglobina do sangue é composta de um núcleo de ferro e o alumínio toma seu lugar.

O sistema nervoso torna-se, assim, vítima de um processo parasitário e os danos são proporcionais à quantidade regularmente absorvida pelo tubo digestivo.

Mesmo assim, em nome de uma lei que impõe a vacinação, o comum dos mortais se vê obrigado a inocular seus recém-nascidos com doses muito mais elevadas de alumínio. Basta fazer um cálculo simples, adicionando quantidades de alumínio contidas nas doses obrigatórias das vacinas, desde o nascimento até a idade adulta, e, comparando à soma obtida com o valor da toxidez alimentar máxima desse mesmo alumínio. Cada inoculação representa mais de 20 vezes a dose tóxica!

É estranho, que nem a caderneta de vacinações, nem o médico, mencionem o alumínio, nem seus riscos. E, no entanto, a intoxicação não é uma crendice, mas um fenômeno permanente e irreversível.

Todos os anos surgem novas doenças genéticas, desarranjos totais do sistema nervoso, dos ossos, dos rins. Fala-se muito da necessidade de novas pesquisas para inventar novos medicamentos, novas

vacinas; é preciso dar dinheiro e tudo gira em torno da erradicação.

Existem médicos que estão conscientes do perigo das vacinas. Eles não vacinam seus filhos e fazem atestados falsos para não terem problemas. Fazem a mesma coisa para alguns clientes em que confiam.

Um médico responsável por um centro de saúde acaba de consultar um colega para obter um certificado de contra-indicação para seus filhos. Esse homem, consciente do perigo das vacinações, procura poupar seus próprios filhos, ao passo que submete todas as famílias da localidade à aplicação da lei. Ele prefere se calar e vive o inferno de uma contradição permanente.

Um jornalista, um dia, me chamou para participar de um caso que pode talvez interessar nossa associação: uma criança de cinco meses morreu uma hora e meia depois de ter sido vacinada pelo médico de família.

A criança entrou em coma alguns minutos após a aplicação do reforço. Seu médico mandou interná-la com urgência e, apesar de todos os cuidados, ela morreu. Declaração do médico chamado para atestar o óbito: morte súbita.

Outra história lamentável: um adolescente de treze anos recebeu a vacinação contra a hepatite B, altamente recomendada naquela época em todas as escolas. Ele morreu dois meses depois, de leucemia.

Soube-se, depois de alguns meses, que a famosa vacina contra a hepatite B, tão aconselhada nas escolas francesas, e até obrigatória em alguns estabelecimentos, foi decidida por um ministro da saúde pressionado pelos laboratórios Mérieux, que havia fabricado dois milhões de doses para um país africano, que tinha recebido da OMS a recomendação de vacinar em massa sua população. O país em questão havia feito o pedido ao laboratório francês sem saber, que teria de pagar pelas vacinas. Diante da conta, cancelou o pedido e a Mérieux se viu com um excesso de produto, o que punha em risco sua saúde financeira. O ministro determinou a vacinação para salvar a Mérieux.

Concluindo ...

Quando a central nuclear de Chernobyl explodiu, a mídia divulgou a mentira política que fazia crer que a nuvem radioativa havia poupado nosso país, a França.

Dez ou quinze anos depois, a mesma mídia disse: “mentiram para nós”. Divulgam programas de televisão, mostrando claramente que a catástrofe do reator nuclear não foi provocada por uma falha humana, mas por um abalo sísmico que fraturou a camada de concreto debaixo do reator, rompendo os condutos de resfriamento, o que provocou a explosão que todos conhecem, em cerca de trinta segundos.

Todas as testemunhas que sobrevivem à catástrofe haviam falado de um tremor de terra antes da explosão - e alguns geólogos haviam até conseguido registrá-lo. Mas era preciso apelar para uma falha humana para mascarar a realidade de demasiada estupidez: todas as usinas nucleares são construídas (por causa do resfriamento) sobre áreas sísmicamente frágeis (os cursos de água correm ao longo das placas tectônicas. Em Chernobyl, há um encontro de três placas...).

Por mais que se mostrem, com provas em mãos, todas as mentiras, não se fará nada além de distrair as massas, prontas a escutar todos os escândalos no sábado à noite, mas, de forma alguma, prontas a se unirem na segunda-feira de manhã para mudar o que quer que seja.

É assim que vejo as coisas.

E, no entanto, penso que tudo pode mudar, que a Internet é, talvez, a alavanca que nos ajudará a mudar o curso das coisas. A Internet é uma magia indescritível, todo mundo se expressa, se cruza, se procura e, finalmente, a Terra continua a girar em torno do sol à incrível velocidade de 105.000 km por hora.

Fonte: Des Clefs pour Vivre n° 49 - abril de 2004

4 Como agem as vacinas

As vacinas estimulam o organismo para a produção de anticorpos. Em caso algum a ciência médica pode garantir que a vacina não prejudicará a criança, o adolescente, o adulto ou o idoso.

Fica claro, portanto, que a decisão de vacinar depende de mais informações sobre as reações indesejáveis imediatas e as consequências tardias.

Vale lembrar que um organismo saudável tem um sistema imunológico capaz de controlar as doenças nas diferentes fases da vida. A pessoa fica mais susceptível, em contato com qualquer germe, se seu organismo estiver exposto a:

- alimentação inadequada;
- hábitos agressivos à saúde (álcool, fumo, drogas);
- poluição ambiental;
- stress e problemas emocionais.

É importante que o médico esteja informado e atualizado a respeito das vacinas e seus efeitos colaterais, para poder orientar os pais e os interessados. É importante lembrar, também, que as doenças infantis desempenham um papel no desenvolvimento da criança (“Consultório Pediátrico”, M. Clöckler e outro, Editora Antroposófica). Dependendo da enfermidade, os riscos da vacina são maiores do que a evolução natural da doença.

Fonte: “Consultório Pediátrico”, M. Clöckler e outro, Editora Antroposófica

5 Do que são feitas as vacinas?

Vários excipientes são usados na produção de vacinas. Estes incluem:

- Thimerosal, um derivado de mercúrio utilizado como conservante, é uma causa comum de reações sensíveis ou alérgicas (Contact Dermat, 1989; 20: 173-6). Estudos em animais também mostraram que o mercúrio pode inibir a imunidade (Toxicol Appl Pharmacol, 1983; 68: 218-28). Desde o meado dos anos 90, os fabricantes sofrem pressão para remover esta substância química de suas vacinas, mas o progresso tem sido frustrantemente vagaroso. Uma revisão recente mostrou que alguns bebês que recebem vacinas contendo thimerosal são expostos a níveis cumulativos de mercúrio superiores àqueles considerados seguros (Pediatrics, 2001; 107: 1147-54).
- Formalina é uma solução diluída de formol utilizada para inativar vírus e desintoxicar toxinas. Quase 50 estudos mostraram uma relação entre o contato com formol e a leucemia e câncer de cérebro, cólo e tecidos linfáticos (Neustaedter R, The Vaccine Guide, Berkley, CA: North Atlantic Books, 1996).
- Sulfato de alumínio um adjuvante utilizado para melhorar a eficácia de uma vacina. Estudos mostram que vacinas que contêm alumínio causam mais reacões que outras. Também comuns são fenol, um desinfetante e corante; glicol etilênio, o ingrediente principal anti-congelante; clorato de benzetônio, um antiséptico; e metilparabeno, um conservante e antifungo conhecido por romper hormônios.

Foi revelado que as vacinas ainda podem conter um outro perigo. Em muitas vacinas produzidas no final dos anos 80 e início dos anos 90 foram utilizados produtos bovinos obtidos em países onde a BSE, encefalite bovina espongiforme (doença da vaca louca), era um risco substancial. Nos EUA, a FDA repetidamente pediu que as indústrias farmacêuticas não utilizassem produtos de gado criado em países onde a vaca louca seja um problema. Entretanto, de acordo com uma reportagem no New York Times (08.02.2001), cinco indústrias, inclusive a GlaxoSmithKline, a Aventis e a American Home Products, ainda estavam usando estes ingredientes no ano 2000 para fabricar nove vacinas amplamente utilizadas, incluindo as para paralisia infantil, difteria e tétano.

“As substâncias químicas são muito mais tóxicas em vacinas combinadas em uma única aplicação do que quando aplicadas separadamente” (Dr. Harold Buttram)

“Thimerosal é um dos componentes mais tóxicos que eu conheço, eu não me lembro de nada que seja mais letal” (Dr. Boyd Haley, perito em Química da Universidade de Kentucky)

Veja principalmente: <http://vacinfo.org/vaccines.htm>¹

(Vaccine Ingredients)

6 Fatos básicos sobre vacinas

1. Vacinas são tóxicas

- Vacinas contêm substâncias que são tóxicas para o ser humano (mercúrio, formol, alumínio etc.) As bulas de vacinas contêm esta e outras informações que, por lei, devem estar disponíveis ao público. Apesar dessas bulas serem impressas para os consumidores, os médicos não as mostram a seus pacientes.
- Vacinas são cultivadas sobre tecidos estranhos e contêm material genético alterado de origem humana e animal.

2. A vacinação deprime e prejudica a função do cérebro e da imunidade. Pesquisas científicas honestas e imparciais mostraram que a vacinação é fator de risco em muitas doenças, como:

- síndrome de morte infantil súbita (SIDS);
- disfunções de desenvolvimento (autismo, convulsões, retardo mental, hiperatividade, dislexia etc.);
- deficiência imunológica (AIDS, Síndrome Epstein Barre etc.);
- doenças degenerativas (distrofia muscular, esclerose múltipla, artrite, câncer, leucemia, lúpus, fibromialgia etc.).

3. O alto índice de reações adversas a vacinas é ignorado e negado pela medicina convencional

- Antes de 1990, os médicos não eram legalmente obrigados a notificar as reações adversas ao órgão de controle de doenças nos EUA (CDC - US Centers for Disease Control).
- Reações adversas são consideradas “normais”, são ignoradas ou diagnosticadas como outras doenças. Apesar desse sistema precário, os danos notificados são numerosos.
- Apesar da obrigação legal atual, menos de 10% dos médicos notificam ao CDC os danos que testemunham.

¹**Internet:** “<http://vacinfo.org/vaccines.htm>”.

- Ao longo da história, muitos profissionais renomados da área da saúde, em todo o mundo, declararam sua oposição veemente à vacinação, chamando-a de fraude científica.
4. Programas de vacinação em massa expõem o público ao perigo de forma sistemática e irresponsável, desrespeitando os direitos da população
 - Médicos vacinam os desinformados. A bula do laboratório que contém um mínimo requerido pela lei não está disponível ao consumidor para que este possa tomar uma decisão mais informada.
 - Afirmações falsas e coação antiética como ameaçar, intimidar e coagir são utilizadas para assegurar o consentimento para vacinar.
 5. Não há prova de que vacinas são seguras ou eficazes
 - Não há estudos com grupos de controle. Autoridades consideram que “não vacinar” é antiético e se recusam a estudar voluntários não vacinados. Se estudos de controle fossem realizados de acordo com procedimentos científicos honestos, a vacina seria proibida.
 - Estudos realizados não estão eliminando o preconceito do leitor. As autoridades que reúnem e publicam estatísticas de doenças trabalham em conjunto com laboratórios que produzem as vacinas e têm interesses econômicos neles. Efeitos colaterais e óbitos são atribuídos a tudo, menos vacinas, para distorcer os resultados e fazer parecer que as vacinas têm algum mérito.
 6. As leis permitem que os laboratórios quebrem a confiança pública
 - Em processos particulares por danos causados pela vacina, a informação apresentada mostra que as vacinas podem ser letais.
 - Fabricantes de vacinas impõem confidencialidade como instrumentos nos processos para impedir que o autor da ação divulgue a verdade sobre a perigosa natureza das vacinas. O governo permite o uso destas táticas antiéticas, que põem em risco a saúde pública.
 7. Nos EUA, a lei de Lesões da Vacina Infantil de 1987 age como tranquilizante
 - Este programa de compensação finge reconhecer a existência de danos vacinais “consertando” os erros cometidos. Nada nessa lei tenta impedir que tais ocorrências se repitam no futuro.
 - Essa lei é o resultado da pressão dos fabricantes de vacinas para que sejam “imunizados” contra processos particulares que podem chegar a milhões de dólares por caso.
 - Os fabricantes de vacinas conseguiram se eximir bem da responsabilidade e, nos anos recentes, a compensação ficou cada vez mais difícil por meio desse programa. Os parâmetros definindo o dano vacinal têm mudado e, em muitos casos, os pais são acusados de terem provocado a Síndrome da Criança Sacudida.
 8. Empresas de seguros, que fazem os melhores estudos de sinistros, abandonaram por completo as coberturas de danos à vida e à propriedade causados por:
 - ato de Deus;
 - guerra nuclear e acidentes em usinas nucleares;
 - vacinação.
 9. Vacinação não é medicina de urgência

- Afirmam que vacinas evitam um possível risco futuro. No entanto, as pessoas são pressionadas a decidirem na hora. O uso do medo e de intimidação pelo médico para forçar uma vacina é antiético. Vacinas são medicamentos com sérias reações adversas. Deveria haver tempo para reflexão antes de uma decisão.

10. Não há lei exigindo vacinações para bebês ou qualquer pessoa

- A vacinação está ligada ao atendimento escolar, mas não é obrigatória. Isenções de vacinas, apesar de restritas e controladas, são inerentes a cada lei e podem ser expandidas por pressão pública.
- Nos EUA, os Ministérios da Saúde e da Educação e a Associação Médica Americana lucram com a venda de vacinas. Eles raramente divulgam a existência e detalhes das isenções.

Para mais informações, entre em contato com:

Vaccination Liberation - Idaho Chapter

P.O Box 1444

Coeur d'Alene, ID 83816

www.vaclib.org

7 Informar antes de vacinar! - Dr. Stefan Lanka

É impossível imaginar que os únicos ingredientes da vacina que fazem efeito são os denominados produtos auxiliares e conservantes. Mães e pais perguntaram e receberam a resposta que, de fato, sem essas substâncias, não haveria reações corporais visíveis e mensuráveis na vacinação. Assim é preciso atentar para sintomas como pele vermelha e endurecimento no local em que foi aplicada a vacina, se a criança apresentou febre e se tem convulsões. As vacinas podem causar paralisia permanente, além de mudanças no comportamento (autismo, hiperatividade), mesmo morte súbita no berço. Entretanto, tudo isto é considerado como consequência de micróbios “enfraquecidos” ou “mortos”, ou ainda de uma hiper-reação do sistema imunológico.

Entretanto, nas explicações das pequenas reações imperceptíveis ou dos graves danos vacinais, nunca aparecem os aditivos das vacinas. Não são mencionados em nenhum parecer médico!

Isto é estranho?

Não é, quando sabemos que estes aditivos, como por exemplo, formaldeído, mercúrio, fenóis, alumínio etc., são venenos comprovados pela medicina. Alguns não podem ser eliminados pelo organismo e, retidos no corpo, continuam atuando como tóxicos para os sistemas nervoso, reprodutivo e muscular.

Não, quando sabe que a vacinação, além do efeito tóxico, também apresenta um forte efeito psicossomático - cientificamente comprovado - que, em muitas crianças, pode levar ao autismo e até à morte.

Não, quando se sabe que as autoridades responsáveis pela saúde admitiram que internacionalmente não existem estudos que possam comprovar o benefício da vacinação. www.klein-klein-verlag.de

8 Informe-se antes de vacinar seu filho - Michael Dye

Neste mundo complexo em que vivemos hoje, pais conscientes precisam enfrentar muitas decisões importantes no esforço de criar os filhos de modo seguro e saudável. É tão difícil sermos pais hoje porque, tomar a decisão certa para nossos filhos, muitas vezes significa fazer as coisas ao contrário do que “todo o mundo” está fazendo.

Desde que a criança nasce, os pais precisam decidir se ela deverá tomar uma série de vacinas que, segundo o governo e a comunidade médica, darão “imunidade” contra certas doenças. Seguindo as diretrizes oficiais, algumas vacinas deverão ser ministradas a partir do nascimento. Aos seis anos de idade a criança recebeu uma série de 13 vacinações que, segundo dizem, oferecem proteção contra doenças infantis - desde as mais leves, como caxumba e sarampo, até as mais graves como poliomielite e difteria. A maioria dos pais é levada a acreditar que essas vacinas vão proteger os filhos contra doenças que aleijam e ameaçam a vida.

Na verdade, é muito controverso se as vacinas são seguras e eficientes no combate às doenças que supostamente vão evitar. Alguns médicos alertam que as vacinações representam um risco inaceitável, pois causam um número inacreditável de graves problemas e milhares de mortes em crianças americanas. Esses médicos afirmam que as vacinas não são eficazes na prevenção de doenças e que, na verdade, são uma causa importante de doença e morte. O governo americano e autoridades médicas reconhecem que muitos óbitos e problemas de saúde são causados anualmente por vacinas, mas afirmam que a vacinação ainda é um risco aceitável e um meio eficaz de prevenir doenças.

Quando iniciamos as pesquisas para este artigo, na Hallelujah Acres, ficamos chocados ao descobrir quanta informação sobre a ineficácia e os efeitos prejudiciais são escondidos do público americano. Geralmente as pessoas não são informadas pelo seu médico sobre os riscos da vacinação. Entretanto, acreditamos que a decisão se a criança deve ou não ser vacinada precisa ser tomada pelos pais - não pelo governo. Uma decisão informada sobre essa questão tão vital somente pode ser tomada pelos pais que conhecem os dois lados da controvérsia.

As vacinas são seguras?

Relatórios oficiais do governo e inúmeros estudos médicos apresentam provas esmagadoras indicando que as vacinas não são seguras. Pesquisas mostram que, nos Estados Unidos, milhares de bebês morrem anualmente em consequência da vacinação e centenas de milhares sofrem convulsões, coma, paralisia e danos cerebrais.

O Dr. Harris Coulter, historiador médico, autor de “Vaccination, Social Violence and Criminality” (Vacinação, violência social e criminalidade), estimou que dois terços dos 10.500 óbitos anuais atribuídos à Síndrome da Morte Infantil Súbita (SIDS) nos Estados Unidos são causados por vacinas. A Escola de Medicina da Universidade de Nevada conduziu uma pesquisa com 103 crianças americanas, cujas mortes haviam sido atribuídas à SIDS. A pesquisa mostrou que dois terços dessas crianças haviam recebido a vacina tríplice (DPT) nas três semanas que antecederam o óbito e muitas morreram nas 24 horas após a vacinação.

De acordo com um número do Suplemento Pediátrico de 1988, a ocorrência da SIDS caiu 50% na Austrália no mesmo ano em que a vacinação diminuiu 50%, ao deixar de ser obrigatória naquele país. A mesma publicação médica observa que, em 1979, o Japão deixou de vacinar bebês e elevou a idade da vacinação para dois anos. Como resultado os casos de óbito e convulsões em bebês praticamente desapareceram. O Japão registrou o menor índice de óbitos de bebês do mundo. Outro país com coeficiente de mortalidade infantil muito baixo é a Suécia, onde bebês não são vacinados. Os Estados Unidos estão em 20º lugar quanto à mortalidade infantil, apesar de seu renomado sistema médico e padrão elevado de vida.

O elo entre SIDS e vacinas foi ainda ilustrado em 1985 por um sistema de monitoramento infantil desenvolvido na Austrália. O monitoramento denominado “Cotwatch” foi desenvolvido para

monitorar a respiração de bebês com risco de SIDS. Sem querer mostrar qualquer ligação entre SIDS e vacinação, a Dra. Viera Scheibner verificou que “a respiração dos bebês era afetada de maneira característica e por um longo período de tempo (40 a 65 dias) após as injeções da vacina tríplice... Soubemos também, dos pais de bebês que morreram no berço que, na maioria das vezes, o bebê morrera após uma injeção de vacina tríplice”. À medida que a pesquisa da Dra. Scheibner prosseguia, a ligação entre morte no berço e vacinação tornava-se mais óbvia e inegável. “Havia nítida aglomeração de mortes (no berço) por volta da época da vacinação” afirma a Dra. Scheibner.

Esse fato levou a Dra. Scheibner a pesquisar mais de 35.000 páginas de estudos médicos referentes à vacinação. Seu estudo profundo mostrou que não há provas quanto à segurança e eficácia de vacinas. O trabalho da Dra. Scheibner culminou em seu livro, “Vaccination, the Medical Assault on the Immune System” (Vacinação, a agressão médica ao sistema imunológico) cuja conclusão foi: “As imunizações, inclusive as praticadas em bebês, não apenas deixam de prevenir doenças infecciosas, como causam mais sofrimento e mais óbitos do que qualquer outra atividade humana em toda a história da intervenção médica.” A Dra. Scheibner cita provas obtidas de vários estudos, mostrando que o efeito das vacinas sobre o nosso sistema imunológico é a principal causa do aumento de doenças degenerativas e auto-imunes, por exemplo, o câncer, a leucemia e a AIDS.

Aqueles que advogam a obrigatoriedade da vacinação apontam a vacina contra a poliomielite como exemplo do sucesso das vacinas no controle de uma epidemia perigosa. No entanto, o governo americano e autoridades médicas reconhecem que, nos últimos 30 anos, os únicos óbitos por poliomielite foram causados pela vacina contra pólio. A Dra. Scheiber indica provas - inclusive um artigo da publicação médica “The Lancet” - de que a epidemia de poliomielite observada entre 1945 e 1954 foi causada pela introdução da vacinação em massa.

Em 1986, o governo dos EUA reconheceu oficialmente que a vacinação representa um risco potencial para as crianças. O Congresso promulgou a Lei Nacional Sobre Danos da Vacinação Provocados na Infância (Lei 99-960), que estabelece uma compensação para os pais de crianças mortas ou prejudicadas por vacinas - até US\$ 250.000 pela morte de uma criança. Até agosto de 1997, mais de US\$ 802 milhões de dólares haviam sido pagos pelo governo dos EUA a famílias de crianças mortas ou gravemente prejudicadas por vacinas. Milhares de casos aguardam uma decisão.

No entanto, não há qualquer esforço governamental para verificar se a política de vacinação obrigatória está fazendo mais mal do que bem na prevenção de doenças infantis. Pelo contrário, mais de 100 milhões de dólares foram gastos anualmente desde o final da década de 70 para vacinar quase 100% de crianças norte-americanas em idade escolar.

Como são feitas as vacinas?

As vacinas são feitas passando o micróbio original da doença (poliomielite, difteria, sarampo etc.) através do tecido de um animal ou feto humano abortado, em um processo que visa enfraquecer o micróbio. Por exemplo, o vírus do sarampo é passado através de embriões de pintos; o vírus da pólio passa através de rins de macaco, o vírus da rubéola é injetado nos órgãos dissecados de um feto humano abortado.

Em seguida, o micróbio enfraquecido é combinado com reforçadores de anticorpos, estabilizadores, medicamentos, antibióticos e desinfetantes tóxicos (neomicina, estreptomicina, cloreto de sódio, hidróxido de sódio, hidróxido de alumínio, sorbitol, gelatina hidrolizada, formaldeído e um derivado de mercúrio conhecido como timerosal) para tornar o micróbio causador da doença “seguro” para uso humano. Existem “vacinas vivas” e “vacinas mortas”. Nas vacinas mortas, o micróbio é inativado por calor, irradiação ou produtos químicos antes de ser injetado na corrente sanguínea. Nas vacinas vivas, o micróbio está ativo, porém enfraquecido, ao ser injetado no organismo de criança. Segundo essa teoria, que apóia as vacinações, o micróbio enfraquecido e diluído da vacina vai ajudar o organismo da criança a criar imunidade contra a doença causada por aquele micróbio. Verificou-se que as vacinas também podem estar contaminadas por ingredientes imprevistos, como vírus dos animais e o

material genético estranho (ADN e ARN) do animal usado na passagem. Em 1960, descobriu-se que milhões de crianças foram infectadas com o vírus SV- 40 contidos em vacinas contra a poliomielite passadas pelos rins de macacos rhesus. Foi comprovado que o SV- 40 pode causar câncer e leucemia no organismo humano.

Vacinas são eficazes contra as doenças que devem impedir?

Fomos levados a acreditar que vacinas foram responsáveis pela eliminação de muitas doenças, como a varíola, poliomielite e difteria. Muitos médicos, inclusive o Dr. Robert S. Mendelsohn, discordam.

O Dr. Mendelsohn comparou a política de continuar a vacinação contra a pólio - quando o governo norte-americano reconhece que atualmente a única causa da pólio é a vacina - com o antigo programa de vacinação contra varíola, que foi suspenso nos anos 70. “Estamos testemunhando, em relação à vacina contra a pólio, a mesma relutância da classe médica de abandonar a vacina contra a varíola, que continuava sendo a única responsável pelos óbitos causados por varíola por três décadas após a doença ter sido erradicada. Imaginem! Durante 30 anos crianças morreram por causa da vacina contra a varíola, embora não estivessem ameaçadas pela doença”, escreve o Dr. Mendelsohn no livro “Como criar um filho saudável ... apesar do seu pediatra” (Marco Zero, 1985).

“A maior ameaça das doença infantis são os perigosos e inúteis esforços usados para preveni-las por meio da imunização em massa”, escreve o Dr. Mendelsohn. “Não existe prova científica convincente de que a vacinação em massa tenha eliminado qualquer doença infantil ... Geralmente acreditam que a vacina Salk deteve a epidemia de poliomielite que vitimava as crianças norte- americanas nas décadas de 40 e 50. Se isto é verdade, por que a epidemia terminou também na Europa, onde a vacina contra pólio não era amplamente usada?”

“A vacinação é um dos sacramentos nocivos da moderna religião da medicina. Na ausência total de estudos controlados, todas as vacinas continuam sendo - cientificamente falando - medicamentos não comprovados. A única característica comprovada das vacinas são os efeitos colaterais devastadores”, escreve Mendelsohn, que exerceu a pediatria durante 25 anos e foi professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Illinois, Presidente do Comitê de Licenciamento Médico de Illinois, autor de três manuais médicos e editor de um informativo médico para o público.

Na introdução do seu livro, a Dra. Scheibner comenta,

“Estudando milhares de páginas escritas sobre vacinas, não encontrei um único estudo que mostrasse que, durante uma epidemia, apenas crianças não vacinadas contraíram a doença. Mesmo durante testes de vacinação, muitas crianças contraíram as doenças contra as quais haviam sido vacinadas - com frequência, no prazo de alguns dias.”

O Dr. Mendelsohn, a Dra. Scheibner e outros afirmam que a eliminação ou redução de numerosas doenças infecciosas na história humana foi o resultado de melhores condições de higiene, melhor água potável e melhores condições de vida e de alimentação e não de vacinação. Por exemplo, eles mencionam que a peste bubônica e a escarlatina, outrora responsáveis por inúmeras mortes, praticamente desapareceram sem vacinas. Quanto à pólio, varíola e difteria, Mendelsohn e Scheibner citam diversos exemplos de países, onde essas doenças desapareceram sem vacinas - ao mesmo tempo e às vezes até mais depressa - do que em países com programa de vacinação.

Qual é a gravidade das doenças infantis que as vacinas devem prevenir?

Essas doenças dividem-se em duas categorias: As que geralmente são inofensivas e as que são extremamente raras.

Caxumba e sarampo são doenças infantis geralmente inofensivas se contraídas na infância. Alguns médicos consideram que elas têm a finalidade de fortalecer o sistema imunológico para evitar doenças futuras. Quem não contrai caxumba e sarampo quando ainda criança, corre o risco (tenha ou não sido vacinado) de contrair essas doenças na adolescência ou na idade adulta, quando podem causar sérias

complicações. Ambas, uma vez contraídas na infância, proporcionam imunidade natural contra elas por toda a vida. Como aponta a Dra. Scheibner, a imunidade natural é a única imunidade verdadeira. O Dr. Mendelsohn mencionou uma pesquisa realizada em 1978 em 30 estados norte-americanos, onde mais da metade das crianças que contraíram sarampo haviam sido devidamente vacinadas.

Um problema com a vacinação contra essas duas doenças é que a vacina pode adiar a doença até idade mais avançada. Dois outros problemas potenciais quanto à vacina contra sarampo é que pode criar a possibilidade de adquirir o “sarampo atípico” ou “sarampo atenuado”. O sarampo atípico, muito mais grave, apareceu somente após a chegada das vacinações contra sarampo. O sarampo atenuado provoca uma erupção mal desenvolvida que, segundo a Dra. Scheibner, pode, mais tarde, expor o indivíduo ao risco de contrair doenças crônicas como o câncer.

O Dr. Mendelsohn alerta:

“Cresce a suspeita de que a imunização contra doenças infantis relativamente inofensivas pode ser responsável pelo aumento dramático das doenças auto-imunes desde que as vacinações em massa foram introduzidas ... Será que trocamos caxumba e sarampo por câncer e leucemia?”

Serão vacinas a única proteção dos nossos organismos na luta contra as doenças?

Acreditamos que quando Deus criou o homem, Ele nos deu um sistema imunológico incrivelmente eficaz e a melhor maneira de conservá-lo consiste em seguir as leis da natureza na alimentação e no estilo de vida. A melhor forma de fortalecer o sistema imunológico da criança é começar a alimentar o bebê com o leite materno. Este transmite uma forma de imunização muito mais avançada do que qualquer vacina que jamais será inventada pela ciência. Depois, à medida que a criança cresce, deverá gradualmente receber uma alimentação consistindo principalmente de frutas e hortaliças frescas cruas, sucos frescos e grãos integrais que ajudarão o sistema imunológico a amadurecer da forma como nosso Criador pretendia.

Muitos pais são levados a acreditar que as leis não permitem que eles optem por ter seus filhos vacinados ou não e as escolas costumam recusar a matrícula de crianças não vacinadas. Os pais que preferem que seus filhos não sejam vacinados recebem muita pressão e, às vezes, até assédio de médicos, diretores das escolas e autoridades públicas. A batalha pode ser dura. Entretanto, segundo advogados experientes nessa área, “a decisão de vacinar seu filho é sua, apenas sua”.

Fonte: A revista “Back to the Garden” Spring/Summer1999, editada pela organização Hallelujah Acres, Shelby, North Carolina, EUA. Veja: www.hacres.com²

9 Pergunta ao Dr. Vernon Coleman

Ao famoso médico Dr. Vernon Coleman, autor de inúmeros livros e artigos na área da medicina e do combate à experimentação animal, perguntaram:

O senhor acha que a ampliação dos programas de vacinação poderia explicar o aumento do número de doenças graves, antes desconhecidas entre crianças pequenas? Mortes no berço, autismo, dislexia e diversos tipos de câncer são cada vez mais comuns. É possível que estejam relacionadas com as vacinas?

Resposta:

²**Internet:** “<http://www.hacres.com>”.

Acredito firmemente que se o programa de vacinação continuar - e se for ampliado - veremos muitas doenças novas. Acredito, também, que doenças raras há uma ou duas gerações serão cada vez mais comuns.

Estudei vacinas e programas de vacinação durante mais de duas décadas e meu receio a seu respeito envolve três aspectos.

Primeiro, os efeitos colaterais imediatos são preocupantes. Alguns são graves (como os danos cerebrais), outros mais leves.

Segundo, temo os possíveis danos que essas vacinas possam causar ao sistema imunológico. Muitas crianças tomam 30 vacinas antes de chegar à idade adulta. Que efeito essas vacinas exercem sobre o organismo?

Em terceiro lugar, estou preocupado com o fato de que as vacinas podem interferir no processo normal de crescimento - a exposição às doenças infantis comuns, que, em sua maioria, são relativamente inofensivas. Essas doenças não seriam necessárias para o desenvolvimento sadio do sistema imunológico? Será que as vacinas interferem nesse processo? Desconfio que sim.

Existe, também, o perigo de que as vacinas mudem a forma de como as infecções afetam o corpo humano. A idade com que as crianças costumam contrair caxumba aumentou desde que a vacina contra caxumba foi introduzida. E a caxumba atípica (uma forma da doença muito perigosa e difícil de tratar) está se tornando mais comum. Que novas cepas de doenças estamos introduzindo ao usar vacinas de forma tão imprudente?

Fonte: Vernon Coleman's Health Letter, vol. 5 n° 3, outubro 2000

10 Precauções

Quando se decide vacinar uma criança, cuidados especiais de higiene e alimentação devem ser tomados cinco dias antes e até 40 dias após a vacinação, para reduzir os riscos de complicações secundárias.

Em muitos casos, podemos lançar mão das vacinas (preventivos) homeopáticas, em particular durante surtos ou epidemias. Vários desses preventivos têm mostrado, ao longo de muitos anos, sua eficácia e a ausência de efeitos colaterais. Foram testadas, por exemplo, nas favelas ao redor de Madras, na Índia.

O importante é estarmos abertos às informações imparciais que nos chegam, questionar e debater assuntos tão importantes e decisivos para a comunidade. Para tanto, a TAPS coloca a disposição seu acervo, que inclui os livros abaixo.

10.1 Sete perguntas que ajudam a prevenir reações à uma vacina

1. Meu filho está doente neste momento?
2. Meu filho já teve alguma reação a uma vacina?
3. Meu filho tem um histórico familiar de:
 - reação vacinal?
 - convulsões ou problemas neurológicos?
 - uma alergia grave?
 - falhas do sistema imunológico?
4. Meu filho corre alto risco de sofrer uma reação?

5. Tenho informações sobre os efeitos colaterais da vacina?
6. Sei identificar uma reação vacinal?
7. Conheço nome do laboratório que produziu a vacina e o número do lote?

Fonte: National Vaccine Information Center www.nvic.org

11 Vacinação e vitamina C - Dr. Alan B. Clemetson

Às vezes, ocorrem graves reações e até óbitos após a aplicação das vacinas na infância. Embora sejam raras, precisamos fazer tudo para preveni-las. Estudos mostraram que a concentração de histamina no sangue aumenta após a injeção de vacinas ou toxóides. Isso provavelmente é uma causa dos problemas. Um suplemento de vitamina C reduz os níveis de histamina no sangue; também reduz os coeficientes de mortalidade em animais e crianças.

Assim sendo, a criança debilitada não deve ser vacinada. Toda criança com coriza deve receber um suplemento de vitamina C em suco de laranja antes de ser vacinada. A vitamina C também deve ser ministrada a qualquer criança ou adulto que receba uma vacina múltipla ou diversas vacinas simultaneamente.

Além disso, é preciso injetar a vitamina C quando ocorre uma convulsão ou outro efeito adverso nos dias após a vacinação.

Fonte: The Journal of Orthomolecular Medicine Vol.14 n°3, 1999

12 Repercussão mundial

Muitos descrevem o sucesso das vacinações, principalmente na época das grandes epidemias que devassaram a África, a Ásia e a América Latina. Após a vacina contra a raiva (1885), vieram as vacinas contra tifo (1911), tuberculose (1921), difteria e tétano (1925), febre amarela (1937), gripe (1943), pólio (1954 e 1956) e outras. As mortes por tuberculose diminuíram bastante graças, em parte, às vacinas. De acordo com a OMS, Organização Mundial da Saúde, a campanha de erradicação da varíola livrou o mundo desse flagelo.

Entusiasmados com este sucesso, os médicos dirigiram sua atenção às doenças comuns da infância. Após a vacina contra coqueluche (pertussis, 1925), desenvolveram as vacinas contra sarampo (1960), rubéola e caxumba (1966). Hoje, as vacinas ocupam lugar de destaque como medidas preventivas. Qual mãe não quer proteger seu filho da ameaça de doença bacteriana ou viral?!

Entretanto, nas últimas décadas, após as campanhas de vacinação, houve um aumento de doenças raras nas gerações anteriores, como, por exemplo, esclerose múltipla, autismo e disfunção cerebral mínima, que pode levar à depressão, à personalidade sociopática, ao suicídio e à crimes violentos.

Como mostram os livros de diversos países, cujas capas estão reproduzidas aqui, essas doenças estão sendo parcialmente atribuídas à utilização indiscriminada das vacinas nas crianças menores de 15 anos, quando a proteção dos neurônios com mielina (capa de proteção das células nervosas) ainda está incompleta.

Sobre as reações adversas das vacinas, muito tem sido publicado no Primeiro Mundo e quase nada no Brasil.

Em 1985, H. L. Coulter e B. Fischer, no livro “DPT: Um Tiro no Escuro”, descreveram o efeito nocivo do componente pertussis (coqueluche) da vacina tríplice (DPT) nos bebês americanos. Calcula-se

que 1000 crianças morrem todos os anos em consequência dessa vacina, enquanto 12.000 são lesadas permanentemente. Na Suécia, a vacina tríplice (DPT) foi substituída pela vacina dupla, que não contém o componente pertussis.

Sabe-se que a vacina contra sarampo pode causar convulsões, encefalite ou paralisia e que a vacina Sabin oral contra pólio, com vírus vivo, pode, na realidade, provocar paralisia. A vacina contra rubéola foi relacionada com a síndrome de fadiga crônica. A vacina contra caxumba pode provocar reações adversas como erupções, febre, surdez e, em alguns casos, encefalite.

Imagem: criança brincando com lama: “Estou fortalecendo a minha defesa imunológica”

Muitas crianças pequenas são prejudicadas pelas substâncias utilizadas como conservantes nas vacinas. Em algumas vacinas encontramos derivados de mercúrio, um metal pesado muito tóxico e compostos extremamente tóxicos de alumínio. Encontramos o mercúrio, por exemplo, nas vacinas DPT, Gripe Hepatite B e Raiva. Segundo um protocolo do Congresso Americano, a FDA proibiu o mercúrio em alimentos e diversos medicamentos, porém não proibiu seu uso nas vacinas.

Em diversos países, os danos da vacinação têm sido discutidos em rádio, televisão e jornais. Formaram-se organizações de pais que lutam por melhor informação sobre os riscos crescentes da imunização, recusando submeter seus filhos às vacinas. Em diversos casos de trauma pós-vacinal, os pais processaram (com sucesso) os laboratórios ou as autoridades sanitárias.

13 Terceira conferência internacional sobre vacinas

Dezenas de médicos norte-americanos e europeus voltaram a fazer

- como milhares de pais - a pergunta: “As vacinas são seguras?”.

O evento ocorreu em novembro de 2002, em Washington, com a presença de peritos de nome internacional, que alertaram sobre as possíveis conexões entre as “picadas” e o aumento alarmante de doenças como autismo, diabete e asma nas crianças.

Havia sobre a mesa um estudo realizado na Dinamarca ao longo de oito anos, revelando que os casos de autismo acontecem na mesma proporção entre crianças vacinadas e não vacinadas com a vacina SCR (contra sarampo, caxumba e rubéola).

A conclusão imediata das autoridades de saúde - “não existe vínculo algum entre as vacinas e o autismo” - foi contestada em Washington pelo número cada vez maior de peritos que questionam a segurança das “picadas”.

“O que não conta esse estudo, é que o thimerosal, um conservante com altíssima concentração de mercúrio, foi removido das vacinas na Dinamarca muito antes da suspeita de que era tóxico”, declarou no microfone o Dr. Paul Shattock, vice-presidente da Associação Mundial de Autismo. “Pois bem, esse conservante está sendo utilizado sistematicamente nos EUA desde 1999, quando finalmente reconheceram, que o conteúdo de mercúrio nas vacinas era muito superior aos limites recomendados”.

O Dr. Shattock, que viveu o trauma do autismo com o próprio filho Jamie, enfrentou, como muitos outros médicos, o dilema: comungar no dogma científico ou seguir seu instinto de pai.

“As autoridades de saúde tem defendido a todo custo a segurança das vacinas e constantemente estão menosprezando os pais, deixando que eles se sintam culpados”, acusou Shattock. “Mas os pais e a população inteira precisam de uma resposta. Esta não chegará até que haja pesquisas suficientes e imparciais sobre os efeitos reais das vacinas”.

O autismo afeta uma entre cada 250 crianças nos EUA e 50% dos pais estão convencidos de que existe uma estreita relação entre a doença e as vacinas. A pedido do congressista Dan Burton, avô

de uma criança autista, o Capitólio se interessou pelo assunto e criou uma comissão especial para investigar o suposto vínculo.

Dezenas de associações, como o National Vaccine Information Center e People Advocating for Vaccine Education estão trabalhando para fazer chegar o assunto até a opinião pública. Centenas de pais, protegidos pela lei de indenização aos prejudicados pela vacinação, estão planejando uma batalha legal contra a indústria farmacêutica.

“Esperamos ter êxito. Ao nosso lado estão os advogados que conseguiram sentar os fabricantes de cigarros no banco dos réus”, afirma Jeffrey Sell, advogado e pai de gêmeos autistas de oito anos, Ben e Joe.

Jeffrey Sell comoveu os presentes à Conferência de Washington com a história de seus filhos:

“O primeiro afetado foi Ben. Seus sintomas de autismo começaram aos nove meses de idade. Joe foi um menino perfeitamente normal até os 15 meses, quando recebeu a vacina SCR. Durante dois dias teve febre altíssima, depois veio diarreia, regressão e deixou de falar”.

Então, tomou a palavra o Dr. Andrew Wakefield, gastroenterologista britânico que, dois anos antes, sugeriu em um artigo polêmico, publicado na revista médica Lancet, o vínculo possível entre a vacina SCR, a inflamação intestinal e o autismo.

Wakefield reconheceu o alcance limitado de seu estudo e insistiu que as autoridades médicas estudassem esta hipótese: “Será que as infecções causadas pelos vírus vivos nas vacinas podem prejudicar o sistema central nervoso de algumas crianças?”

“Não podemos continuar falando de coincidência, quando milhares de crianças completamente normais começam a apresentar sintomas de autismo, depois de receber uma vacina” denunciou Barbara Loe Fisher, fundadora do National Vaccine Information Center. Há 18 anos, Barbara também passou pelo pesadelo de muitos pais, quando seu filho caiu nas malhas do autismo. Ela o atribuiu, naquela época, a “picada” da vacina DPT (contra difteria, coqueluche e tétano). A sua busca continua: “é a falta de resposta que está provocando a revolta dos pais. Precisamos de informação e estudos sobre os efeitos reais das vacinas. Começamos a ter um parte da classe médica ao nosso lado”.

O último médico a alertar contra o thimerosal nas vacinas foi precisamente o Dr. Neal Halsey, ex-presidente da Academia Americana de Pediatria.

“Muitos dos argumentos contra as vacinas estão fundamentados em hipóteses não comprovadas ou em elos causais com pouca prova. . . Mas gradualmente estou me dando conta, de que existe um risco real para as crianças”.

A maioria dos pediatras não informa os pais sobre os riscos das vacinas e se limita a aplicar displicentemente as “picadas”. Os pais norte-americanos denunciam cerca de 14.000 incidentes pós-vacinais por ano. Entretanto, se teme que os casos de reações adversas estejam mais próximos de 140.000 e que não apareçam por falta de conhecimento ou pela pouca colaboração dos médicos.

Os pais estão há anos alertando, não apenas contra o alto teor de mercúrio, mas também contra os riscos de vacinas combinadas e da overdose de vacinas que recebem as crianças. Muitos questionam o calendário vacinal e decisões como vacinar bebês de dois meses contra Hepatite B, uma doença que se transmite por via sexual e sanguínea.

13.1 Sarampo, caxumba e rubéola (SCR / MMR)

Alguns fatos a respeito dessas três doenças e a vacina SCR, que não é nem segura, nem eficaz.

Sarampo, caxumba e rubéola raramente são doenças graves da infância. Todas as três conferem imunidade vitalícia para a criança saudável e bem nutrida. Diversos estudos médicos mostram que essas doenças preparam e amadurecem o sistema imunológico, diminuindo, desta forma, o risco de doenças graves, como asma e câncer dos ovários na vida futura.

Muitas crianças pegam sarampo apesar da vacinação, como confirmam relatórios médicos do mundo inteiro. Um estudo realizado durante 12 anos na Finlândia, mostrou que, sete entre nove crianças previamente vacinadas, contraíam sarampo ao compartilhar o dormitório com uma criança infectada. O estudo concluiu que a proteção verdadeira contra sarampo não será obtida com vacinação.

Outro fenômeno preocupante é o sarampo atípico, um problema que surgiu logo após a primeira introdução da vacina. Esta forma de sarampo ocorre apenas em crianças que foram previamente vacinadas contra sarampo. O sarampo atípico resiste ao tratamento e muitas vezes degenera em pneumonia e meningite.

Fonte: Vaccine Fact, maio 2003

Informações adicionais você encontra nos links do item VACINAS NA INTERNET

14 Vacinas na África - Dr. Christian Tal Schaller

Em Uganda, um corajoso apresentador de rádio, Kihura Nkuba, ousou fazer a seguinte pergunta:

“Por que as crianças são vacinadas com a vacina oral Sabin, contra a poliomielite, quando esta vacina foi retirada, desde 1996, nos Estados Unidos, porque ela provoca casos de pólio? Por que milhares de crianças morrem depois de receber essa vacina, quando a poliomielite antes não existia”?

A essas perguntas legítimas, o governo e os especialistas médicos só responderam por medidas de intimidação, para obrigar Kihura a se calar. A narração de suas dificuldades e de suas descobertas sobre o perigo das vacinas, aplicadas em crianças, cujo sistema imunológico está enfraquecido - pela desnutrição, a malária e outras doenças endêmicas, em diversos países da África - constitui um documento excepcional, que mostra a coragem de um homem que ousa atacar o império das vacinas, porque descobre que esse gigante tem pés de barro!

Ele mostra também que a prática de vacinações - sem levar em conta o organismo daqueles que a recebem - pode ser tão tóxica que é lícito falar de genocídio das crianças africanas. O texto da conferência apresentada por Kihura Nkuba, em Arlington (EUA), em 7 de novembro de 2002, sob o título “A pólio provocada pela vacina mata milhares de crianças na Uganda” está disponível em inglês, no site www.rense.com/general139/polio.htm. Sua leitura mostra como a lógica simples, de um homem de bom senso, demole de modo irrefutável os argumentos infundados dos partidários da vacinação sistemática.

Mostra, também, como as autoridades - em vez de refletir e de ousar questionar sua política - tentam fazer calar aqueles que a contestam. Quando aldeias inteiras correm para se esconder nas montanhas, para escapar das campanhas de vacinação praticadas à força, com o apoio do exército, vemos a que aberração o conceito da vacinação obrigatória pode chegar.

Qualquer pessoa que queira realmente compreender o problema das vacinações nos países pobres, deveria ler esse texto, extraordinário por sua força e sua clareza. Não podemos deixar que crianças

sejam assassinadas em massa, unicamente porque isso aumenta os lucros dos fabricantes de vacinas!

Fonte: Votre Santé n° 63 - dezembro de 2004

15 Vacina contra hepatite B

Não se deixe abalar pela publicidade e desinformação organizada que lhe querem fazer acreditar que esta vacina protege e não tem efeitos secundários, pois é inútil e muito perigosa. Milhares de pessoas saudáveis foram prejudicadas por essa vacina. Que época estranha, em que os representantes da medicina moderna estão na origem de múltiplas doenças, de que a mídia só raramente ousa falar.

Não está na hora de perceber que a nossa saúde depende do nosso estilo de vida e não de medidas impostas a todos sem respeito pela nossa individualidade e pela nossa imunidade? O comércio deveria ser substituído pela responsabilidade individual!

A VACINA DE HEPATITE B & AUTISMO

QUANDO SEU MÉDICO ESTÁ ERRADO: A VACINA DE HEPATITE B & AUTISMO

Judy Converse, MPH, RD

Xlibres Corporation, Olde City, Philadelphia, EUA, 2002, 294 p

Entre em contato com os seguintes grupos na França para obter maiores informações:

Ligue nationale pour la liberté des vaccinations

*<http://www.ctanet.fr/vaccination-information>*³

ALYCCS, Association lyonnaise pour comprendre et choisir sa santé: *<http://alyccs.free.fr>*⁴

ASSVAN, Association pour la santé sans vaccinations - 6 rue Jean-Perrin, 94400 Vitry-sur-Seine (Tel: 01 46 81 61 09 Fax: 01 46 74 52 70)

ALIS, Association liberté information santé - 19 rue de l'Argentière, 63200 Riom (Telefax: 04 73 63 02 21)

GRENAT, Groupe de réflexion et d'étude pour la non agression thérapeutique - 146 impasse de Cigales, 30100 Alés (Tel: 66 52 81 12)

16 Vacina, uma poção diabólica

Pegue um pouco de neomicina, de sorbitol, de gelatina hidrolisada, de células provenientes de um tecido fetal após aborto ou de culturas de células cancerizadas, de alumínio ou de mercúrio em doses que ultrapassam 30 vezes os limites considerados tóxicos pela OMS. Não esqueça de adicionar transgênicos, soro de bezerro e outros aditivos escolhidos. Se puder, acrescente algumas partículas virais provenientes do macaco e que são conhecidas por serem cancerígenas. Misture bem e você obterá uma vacina contra o sarampo, essa doença que, para quase todas as crianças é benigna e até mesmo, como pensam vários homeopatas, útil ao bom desenvolvimento da imunidade infantil.

As complicações graves do sarampo são extremamente raras. As campanhas de vacinação contra o sarampo não foram criadas porque suas complicações ameaçavam a vida de nossos filhos, mas

³**Internet:** "<http://www.ctanet.fr/vaccination-information>".

⁴**Internet:** "<http://alyccs.free.fr>".

porque a indústria de vacinas tinha necessidade de ampliar constantemente seus mercados. Hoje, mais crianças são vítimas da vacina do que do próprio sarampo!

Vejam a história de Sam, uma criança inglesa de 12 anos que gozava de excelente saúde. Quatro semanas após uma vacinação contra o sarampo, ele começa a sofrer de paralisia dos membros inferiores e distúrbios da consciência se manifestavam por momentos de ausência. Algumas semanas mais tarde, ele estava na cadeira de rodas e havia perdido a fala. Um site da Internet inglesa tenta informar os pais, para que eles tomem suas decisões relativas às vacinas, com todo conhecimento de causa:

*<http://www.argonet.co.uk/users/jabs>*⁵

O British Medical Journal tomou a iniciativa de publicar um artigo que mostra as práticas nocivas das indústrias farmacêuticas e de vacinas. Esse artigo explica que se ganha muito dinheiro convencendo as pessoas com boa saúde de que elas estão doentes. As grandes indústrias farmacêuticas e de vacinas organizam campanhas de imprensa cujo objetivo é gerar medo no público, para depois propor os últimos tratamentos na moda como meios milagrosos de proteção. A medicação exagerada de nossa sociedade repousa na crença de que as vacinas e os medicamentos químicos são os únicos meios eficazes para lutar contra as doenças. Entretanto, cada vez mais pessoas estão hoje percebendo que sua saúde depende de seu estilo de vida e não de medidas externas. Daí o sucesso crescente das medicinas suaves, das terapias naturais e dos métodos de autogestão da saúde.

Um advogado de Grenoble, Dr. Jean-Pierre Joseph, dedicou-se à questão das vacinas e escreveu um livro notável sobre esse assunto, *Vaccins, mais alors on nous aurait menti?* (Vacinas, mas então, teriam mentido para nós?). O subtítulo diz: Elas são ineficazes, deixam-nos doentes, destroem nossa imunidade natural, . . . mas são obrigatórias!

Jean-Pierre Joseph mostra que onze países da Europa já abandonaram a obrigação de vacinação porque existem problemas. Este livro faz revelações incríveis sobre uma das maiores fraudes de nossa época em matéria de saúde. Ele propõe, também, meios para escapar desse envenenamento legalizado, sem desrespeitar a lei.

Nos Estados Unidos, em 35 casos os advogados moveram um processo contra os produtores de vacinas por danos cerebrais e distúrbios no sistema nervoso, causados pelo mercúrio e outros produtos tóxicos contidos nas vacinas. Os especialistas afirmam que as pessoas mortas ou portadoras de graves deficiências, devido às vacinas, são centenas de milhares, mas que, até o presente, ninguém ousou levantar o dedo contra os fabricantes farmacêuticos e os funcionários da FDA, Food and Drug Administration, e do Ministério da Saúde.

Fonte: Santé Nouvelles, fevereiro de 2003

17 Vacinas podem causar câncer? - Dr. James A. Howenstine

Dr. James A. Howenstine, Jimhow@racsa.co.cr

Um médico de Indiana, EUA, Dr. W. B. Clarke fez uma observação relevante sobre vacinas no início dos anos de 1900. O Dr. Clarke escreveu que:

“O câncer era praticamente desconhecido até que a vacinação obrigatória com a vacina de varíola de gado começou a ser introduzida. Eu tive de tratar de 200 casos de câncer e nunca vi um caso de câncer em uma pessoa não vacinada”⁶.

⁵**Internet:** “<http://www.argonet.co.uk/users/jabs>”.

⁶Mullins, Eustace. “*Murder by Injection*”, p 132. The National Council for Medical Research.

Isso sugere que alguma coisa no processo de vacinação prejudica o sistema imunológico, permitindo o início do câncer.

Um problema adicional que contribui para o desenvolvimento do câncer está ocorrendo hoje. Isolamento malfeito causou contaminação viral em larga escala dos animais usados para a produção de vacinas⁷. A vacina Salk para a poliomielite continha 40 vírus que nunca foram erradicados⁸. Essa vacina continha o vírus SV 40, conhecido por causar tumores. O SV 40 foi identificado em 43% dos casos de linfoma não Hodgkin, 36% de tumores cerebrais, mesoteliomas e outros tumores malignos. A vacina Salk havia sido aplicada em mais de 10.000.000 de pessoas quando essa descoberta foi feita. Constatou-se que a vacina contra a febre amarela contém vírus da leucemia avícola.

A aplicação de vacinas não é um fenômeno natural. A Arthur Research Foundation em Tucson, Arizona, calcula que até 60% de células imaturas de imunidade insubstituíveis, da glândula timo são exauridas pelos programas de imunização em massa hoje aplicados nas crianças americanas. O desenvolvimento da imunidade natural à doença usa somente 10% dessas células de imunidade vitais. A observação do Dr. Clarke, de que **somente pessoas vacinadas desenvolvem câncer**, talvez se explique pela perda dessas células vitais de imunidade.

18 Vacinação - Agressão ao cérebro e à alma?

- Cada doença da infância provoca um processo de amadurecimento indispensável à evolução humana.
- As vacinas não exercitam, mas atrapalham o sistema imunológico. Nenhuma vacina oferece proteção.
- Poucos têm a consciência de que sempre - após toda vacina - ocorre uma reação cerebral que pode provocar danos de maior ou menor gravidade.
- É assustador que a reação patológica pode aparecer, na sua totalidade, de modo traiçoeiro - às vezes após anos ou décadas.
- Se continuarmos vacinando, sem vacilar, os nossos filhos, netos e bisnetos pode ocorrer, cedo ou tarde, uma enorme catástrofe biológica.
- “Não sei se não cometi um erro terrível e criei algo monstruoso” disse Edward Jenner, 1749 a 1823, o inventor das vacinas.

Fonte: Citações da revista alemã *Natur & Heilen* n° 6 e 7 de 2000

19 Vacinação contra doenças: uma bomba relógio médica - Dr. Robert S. Mendelsohn

A maior ameaça nas doenças da infância são os perigosos e ineficazes esforços para evitá-las

Ao escrever sobre os riscos da vacinação em massa, sei que se trata de um conceito difícil de aceitar. A vacinação tem sido apregoada de forma tão engenhosa e agressiva, que a maioria dos pais acredita ser ela o “milagre” que eliminou muitas das doenças antes temidas. Assim, parece loucura

⁷Harris R.J. e outros. “Contaminant viruses in two live vaccines produced in chick cells”. *J Hyg (London)* 1966 Mar; 64: 1-7

⁸Horowitz, Leonard G. “Emerging Viruses: AIDS & Ebola”, p 484.

alguém querer opor-se à vacinação. Para um pediatra, atacar o que se tornou o “feijão com arroz” da prática pediátrica é o mesmo que um padre negar a infalibilidade do papa.

Justamente por isso, peço que os leitores mantenham a mente aberta enquanto exponho meu caso. Muito daquilo que as pessoas acreditam a respeito das vacinas simplesmente não é verdade. Eu não só tenho sérias dúvidas sobre a vacinação, como também faria todo o possível para que as pessoas não vacinassem seus filhos. Entretanto, não posso fazer isto, pois, em muitos estados americanos, os pais perderam o direito de fazer tal escolha. Médicos - não políticos - fizeram o bem-sucedido lobby para aprovação da lei que obriga os pais a vacinarem seus filhos como pré-requisito para matriculá-los na escola.

Mesmo em tais estados, porém, os pais podem tentar persuadir seu pediatra a eliminar o componente referente à pertussis (coqueluche) da vacina tríplice (DPT). Esta imunização, que parece ser a mais ameaçadora de todas, gera tantas controvérsias que muitos médicos estão ficando apreensivos quanto à aplicá-la, temendo um processo por imperícia médica, pois em um caso ocorrido em Chicago, uma criança prejudicada pela vacina contra coqueluche recebeu uma indenização de cinco e meio milhões de dólares.

Embora eu mesmo tenha aplicado as vacinas nos meus primeiros anos de prática, me tornei um oponente ferrenho à inoculação em massa por causa dos inúmeros riscos que apresenta. Vou resumir minhas objeções ao zelo fanático com que pediatras injetam cegamente proteínas estranhas no organismo da criança, sem saber que danos podem causar.

Motivos da minha preocupação

1. Não existe prova científica convincente de que a inoculação em massa eliminou alguma doença infantil. Embora seja verdade que a incidência de algumas doenças infantis, antes comuns, tenha diminuído ou desaparecido desde a introdução das inoculações, ninguém sabe por que, embora melhores condições de vida possam ser a causa. Se a vacinação foi responsável pela redução ou desaparecimento dessas doenças nos Estados Unidos, devemos perguntar por que elas desapareceram simultaneamente na Europa, onde não ocorreram vacinações em massa.

2. Acredita-se, de modo geral, que a vacina Salk (injeção que contem o vírus morto) foi responsável por sustar as epidemias de poliomielite que ameaçavam as crianças americanas nas décadas de 40 e 50. Neste caso, por que a epidemia também teve fim na Europa, onde as vacinas contra poliomielite não eram tão empregadas? E, mais importante, por que a vacina Sabin (gotas que contêm o vírus vivo) ainda é administrada, quando o Dr. Jonas Salk, pioneiro da primeira vacina, tem alertado que agora a maioria dos casos de poliomielite é consequência da vacina Sabin? Continuar a forçar esta vacina em crianças é um procedimento médico irracional. É uma reprise da relutância dos médicos em abandonar a vacina contra varíola, única causa de óbitos por varíola durante três décadas após sua erradicação.

3. Há riscos graves associados à cada vacinação e numerosas contra-indicações que tornam as vacinas arriscadas para as crianças. Entretanto, os médicos aplicam as vacinas rotineiramente, sem informar os pais sobre os riscos e sem determinar se a vacina é contra-indicada para a criança. Nenhuma criança deveria ser vacinada sem esta determinação. No entanto, formam-se rotineiramente nos postos grandes filas de crianças para serem vacinadas sem que se pergunte nada aos pais!

4. Os inúmeros riscos, a curto prazo, da maioria das vacinas são conhecidos (mas raramente explicados). Ninguém, porém, conhece as consequências a longo prazo causadas pela injeção de proteínas estranhas no organismo das crianças. E, o que é ainda mais absurdo, não se faz nenhum esforço para descobrir.

5. Crescem as suspeitas de que a vacinação contra doenças da infância, relativamente inofensivas, sejam responsáveis pelo grande aumento de doenças auto-imunes desde que as inoculações em massa foram introduzidas. São doenças graves, como câncer, leucemia, artrite reumática, esclerose múltipla, esclerose amiotrófica lateral (ALS), lúpus eritomatoso e a síndrome de Guillain-Barré. A doença

auto-imune é uma condição em que os mecanismos de defesa do organismo não conseguem distinguir entre invasores estranhos e tecidos normais. Como consequência, o organismo começa a se destruir. Teremos trocado caxumba e sarampo por esclerose múltipla e lúpus?

Chamo a atenção para esses aspectos porque é provável que seu pediatra não alertará sobre eles. A amarga controvérsia sobre a vacinação que está se travando na comunidade médica não passou despercebida pelos meios de comunicação. Um número cada vez maior de pais estão deixando de vacinar seus filhos e enfrentando as consequências legais. Pais, cujos filhos foram permanentemente lesados por vacinas, não aceitam mais esse fato como destino e estão entrando com processos contra os fabricantes das vacinas e os médicos que as aplicaram. Alguns fabricantes pararam de fabricá-las e outros estão, a cada ano, ampliando a lista de contra-indicações ao seu uso.

Fonte: Revista Just Eat an Apple, nº 16, Primavera 2001

20 Breves

20.1 Falha nos EUA

Devido à fobia do terrorismo, o governo norte-americano faz qualquer coisa. Por isso, mandou testar com urgência uma vacina anti-variólica em 420 mil pessoas do setor médico. Como esta vacina ainda não estava totalmente pronta, 90% das pessoas a recusaram. Fizeram muito bem, pois entre aquelas que foram vacinadas houve 52 casos de inflamação cardíaca e oito enfartes com três óbitos. A vacina foi discretamente retirada do mercado.

(Courrier d'Alis, março 2004)

20.2 Também os animais de estimação

Nosso cachorro pode estar sujeito a 16 vacinas diferentes durante o ano, muitas combinadas em uma única aplicação. Entretanto, como acontece com nossos filhos, os cachorros também podem apresentar efeitos colaterais como eczemas, reações alérgicas e problemas auto-imunes. Também os gatos, que foram vacinados, sofreram reações até piores, incluindo o desenvolvimento de tumores malignos. (J. Am Animal Hosp Assoc, 2003, 39: 119-31)

20.3 Fim da obrigatoriedade

Onze países da Europa abandonaram a obrigatoriedade das vacinas e, conscientes da gravidade dos acidentes pós-vacinais e do silêncio oficial a esse respeito, a ALIS, Associação pela Liberdade de Informação na Área da Saúde, na França, constituiu um grupo de reflexão sobre os efeitos secundários das vacinas no continente. Esse grupo, que reúne nove países da Europa, entregará, no ano de 2005, um relatório ao Parlamento Europeu. (Association Liberté Information Santé www.alis.asso.fr)

20.4 Prêmio de 20 mil dólares

Jock Doubleday, presidente da entidade sem fins lucrativos Natural Woman, Natural Men na Califórnia, está oferecendo, desde janeiro do ano 2001 a importância de 20.000.00 dólares americanos para o primeiro médico ou diretor de uma indústria farmacêutica que beba, em público, a mistura padrão dos aditivos químicos contidos nas vacinas - na mesma quantidade recomendada para uma

criança de seis anos de idade, segundo as diretrizes do CDC, U.S. Centers for Disease Control and Prevention. (link do artigo)

20.5 Acidentes vacinais

O órgão governamental VARES, Vaccine Adverse Event Reporting System, dos EUA, apresentouos seguintes dados oficiais a respeito dos acidentes vacinais entre as crianças menores de seis anos nos EUA para o período de 1999 à 2002:

- Vacina DPT (difteria-coqueluche-pólio): 16.544 efeitos secundários, 631 hospitalizações e 394 óbitos
- Vacina contra a gripe: 419 efeitos secundários, 41 hospitalizações e 11 óbitos
- Vacina contra hepatite B: 13.363 efeitos secundários, 1.840 hospitalizações e 642 óbitos
- Vacina HIB (Haemophilus Influenzae tipo B): 22.463 efeitos notificados, 3.224 hospitalizações e 843 óbitos
- Vacina MMR (SCR): 18.680 notificações, 1.736 hospitalizações e 110 óbitos (Sylvie Simon).